

Maria de

relatos do
EVANGELHO

Nazareth



MARIA DE NAZARÉ

Relatos do Evangelho Infanto-juvenil Espírita

Departamento Editorial LUZ NO LAR

Revisão: Lisena Fujimura Capa e ilustrações: R. Matias

1- edição do 19 ao 59 milheiros DEZ/1992

Departamento Editorial LUZ NO LAR Grupo Espírita Fabiano de Cristo

Rua Delfino Facchina, 61 CEP 04409-080 — São Paulo — SP CGC

53.637.435/0001-08

Aos nossos Jorge e Zenaide, com toda a gratidão de nossos corações.

ÍNDICE

Parto de Amor

1. A jovem de Nazaré
2. A divina maternidade
3. Ordenações sublimes
4. Visita a Isabel
5. Confidências maternais
6. Ir a Belém
7. No rumo de Belém
8. Em Belém
9. Nasce o Senhor
10. Os pastores
11. Casa em Belém
12. Na casa de Lídia
13. Sacerdotes da Pérsia
14. Despedidas
15. Em Jerusalém
16. Fuga
17. No Egito
18. Oásis
19. Na fonte de Nazaré
20. Junto aos sacerdotes
21. União divina
22. Na casa de Simão Pedro
23. Mãe e Filho
24. Na sinagoga
25. Em família
26. Mudança
27. Diálogo sublime
28. Redenção
29. Servidoras de Jesus
30. Minha mãe
31. Prisão de Jesus
32. O julgamento
33. A caminho do Calvário
34. Resignação maternal
35. Ao pé da Cruz
36. Inquietação 37. O visitante
38. Carta de João
39. Visitantes
40. Sublime reencontro
41. Inspiração Divina

PARTO DE AMOR

Revivemos hoje, Senhor, uma tumultuada Belém, distante dois mil anos da noite da Esperança.

Sentimos fome do Pão da Vida.

Mendigos espirituais, a esmolar a côdea de paz interior, buscamos em todas as partes as sementes da Vida Nova.

Mergulhados, outra vez, nas sombras do possuir, desapercibidos das bênçãos do que somos, temos esfriado as qualidades sublimadas de nossas almas. Rogamos-lhes, Maria, partear novamente o Amor, para que recolhamos, mais uma vez, os prenúncios de uma vida inovada na fraternidade e no despertar do espírito.

Na palha da manjedoura, Santíssima, possamos reencontrar nossas aspirações mais sagradas, em seu Filho Jesus!

Lacrimamos diante de nossos seculares enganamentos.

Possam, Maria, os anjos tutelares da evolução, alcançar-nos e retirar-nos dos desvãos de nossa amargura e desencanto, repetindo-nos o cântico do amor celestial:

— Glória a Deus nas alturas, paz na Terra e boa vontade para com todos os homens!

E possamos, então, Maria, neste novo Natal, encontrar "uma criança envolta em faixas e deitada na manjedoura" de seu augusto coração.

Roque Jacintho.

1 - A JOVEM DE NAZARÉ

Estamos na Galiléia.

Ao sopé do monte do Precipício, espraia-se uma vilazinha, entre a vegetação abundante, de nome Nazaré.

O sol já está alto.

Miriam irrompe pela casa, trazendo novidades.

— Ah! Maria! — exclama Miriam — Boas notícias para a nossa parenta Isabel!

A jovem Maria, que preparava massa de pão, enxugou a sua fronte, apagando algumas gotas de suor.

— De que se trata, Miriam? Miriam suspirou forte e informou:

— Dizem que Zacarias, o sacerdote, foi visitado por um espírito chamado Gabriel que lhe veio anunciar que Isabel dará à luz! E a esse filho eles deverão dar o nome de João! Maria ouvia atenta e quase caiu em lágrimas.

— Que graça divina! — ela balbuciou.

— Sim! E, dizem ainda, que essa criança terá o espírito e o poder do profeta Elias!

— Do... profeta Elias?!

— Esse mesmo, Maria! Não acha espantoso?!

— Se for assim — aditou Maria, jubilosa — esse João virá harmonizar os corações dos pais com os filhos e levará os rebeldes a adquirirem a sabedoria dos justos.

— Talvez sim, Maria!

— Então... breve teremos o Senhor entre nós! As profecias se cumprirão no nosso tempo, Miriam! Não acha isso uma dádiva de Deus, podermos ver a Luz de um Novo Mundo?!

— Sei lá, Maria! Já é quase um fato inusitado Zacarias e Isabel, tão idosos, poderem ter um filho!

Maria sorriu.

— Não se esqueça, Miriam, de que o nome Isabel, significa: templo de Deus! Assim, se o ventre de Isabel é abençoado pelo Senhor, a maternidade lhe será um encargo divino.

— É... mas houve uma desgraça!

— Que desgraça, Miriam?

— Zacarias, dizem, por ter duvidado de que pudesse tornar-se pai, ficou mudo e mudo ficará até que nasça o filho!

A jovem Maria refletiu, e falou:

— Isabel e Zacarias são justos diante de Deus. Eles sempre se revelaram dóceis e plenos

de virtudes, observando todos os sagrados mandamentos Miriam! Se, contudo, Zacarias hesitou em sua fé, deve ter sido chamado ao silêncio para reajustar-se! Não vejo, pois, aí nenhuma desgraça.

— Mas... ficar mudo não é um castigo divino, Maria?!

— E um tempo de meditação, Miriam.

— Ah! Não gosto muito de falar-lhe estas coisas, porque em tudo você acha que está a misericórdia de Deus!

Maria sorriu graciosa.

— Veja, Miriam, que pequenas e suportáveis aflições são, quase sempre, um convite sublime para que nos reexaminemos, a fim de acrescentarmos orvalhos de luz em nossas almas.

E, mostrando a massa de pão, Maria complementou:

— Veja o trigo, Miriam! Não suportou ele a aflição da mó, para tornar-se farinha e servir à mesa das famílias?

Miriam sentiu-se contrariada.

— Não poderíamos nós — prosseguiu Maria — sermos grãos de trigo de Deus, para saciar os que tenham fome do amparo divino?

E, após ligeira pausa, informou:

— Zacarias crescerá, ainda mais, em espírito, se foi chamado a repensar a fé, no silêncio da palavra falada, Miriam.

2 - A DIVINA MATERNIDADE

Caíra a noite na cidade de Nazaré.

A jovem Maria, após os cuidados com o lar, recolheu-se a seu leito, para o necessário repouso e o indispensável refazimento de todas as suas energias. Recostou a cabeça ao travesseiro e, entrando em estado de oração, sentia-se imensamente agraciada pela bênção da vida e pela harmonia do lar.

Adormeceu, asserenada, ao lado de José.

Súbito, estremeceu agradavelmente, coração aos saltos, e quis abrir os olhos, pressentindo alguma coisa inusitada.

Inspirou fundo e ouviu:

Ela, de pronto, abriu os olhos espantada. Aos pés de seu leito, via um espírito a envolvê-la num clima de profunda ternura.

— Quem é você? — perguntou Maria, naturalmente.

— Sou Gabriel, Maria. E venho trazer-lhe, da parte de Deus, uma notícia imensamente feliz.

— A... mim?! Da parte de... Deus?!

— Alegre-se, Maria! O nosso Senhor e Mestre estará com você. Por isso, pode considerar-se a bendita entre todas as mulheres. Maria sentia-se perplexa. Comovida, diante da saudação do Espírito de Gabriel, ficou a refletir sobre o que desejava aquele ser de aspecto profundamente amoroso.

Ele lhe sorriu com ternura.

Não tenha receio, Maria! Deus confia em seu coração amigo e, por isso, mandou-me avisá-la de que você vai ficar grávida e, depois do tempo certo, você dará à luz.

— Eu?!

— Sim, Maria! A esse Filho, que nascerá de seu ventre, você lhe dará o nome de Jesus.

Breve pausa e Gabriel continuou:

— Jesus será o portador da Luz para este mundo e trará, a todos os homens, o que se faça necessário para a redenção espiritual desta Humanidade terrena.

— Je... Jesus... — balbuciou Maria.

— Jesus é o Filho do Altíssimo e virá, em nome do Pai Celestial, chamar para o seu aprisco as ovelhas transviadas, para alimentá-las com mais amor e, pessoalmente, desvendará um mundo novo a todos os menos felizes.

Maria estremeceu.

— Devo estar delirando — afirmou a jovem, procurando sentir-se e se apalmando para ver se estava acordada — Não é possível que, para alguém sem qualidades, o Pai Celestial confiasse tão nobre tarefa!

Gabriel sorriu.

Jesus, pessoalmente — aditou Gabriel — conhece o fundo de cada alma, Maria. E, ao escolhê-la para ser a sua mãe e José a seu pai, é porque conhece o tesouro de afeto de seus corações e, também, a fidelidade de que vocês são testemunho à Lei do Amor que rege as nossas vidas.

Maria levantou-se.

Caiu de joelhos aos pés do Espírito de Gabriel e, deixando extravasar toda a sua fidelidade, afirmou:

— Serei a serva do Senhor Jesus, Gabriel! Rogo-lhe, por isso, que se faça em mim toda a vontade daquele que virá a ser meu filho e que além de filho, é meu Senhor!

Gabriel, inclinando-se, fê-la levantar-se e beijou-lhe enternecidamente o coração.

— Maria, o Senhor está consigo!

E, diante dos olhos da jovem, Gabriel desvaneceu-se, em meio a uma poeira de estrelas cintilantes, deixando um rastro de perfumes celestiais.

Maria voltou a deitar-se.

Suas mãos, num gesto natural e de grande ternura, repousaram sobre seu próprio ventre, oferecendo-se à divina maternidade.

3 - ORDENAÇÕES SUBLIMES

Maria irradiava felicidade.

Sentia que, em seu ventre, carregava a semente de uma criança e, por isso, surpreendia-se a conversar com Jesus, envolto em clima de amor infinito. — Sou sua serva! — afirmava, em seus pensamentos e transmitia em suas palavras — e, assim, sou grata por fazer-me sua mãe!

Miriam chegou-se naquele instante.

— Fala sozinha, Maria?! A interpelada sorriu.

— Não, Miriam! Falo com meu Filho Jesus, agradecendo-lhe pela bênção da maternidade.

— E... Ele lhe escuta?!

— Se todos os filhos, em vias de renascer, ouvem os pensamentos maternos, como que o Senhor não me ouviria, a mim que sou a sua serva?

E, após breve pausa, complementou:

— Algumas vezes, Miriam, não sei se eu o acolho com profundo amor ou se é o amor dele que me envolve toda a minha alma!

— Pelo que você me diz, Maria, esse Jesus, mais que outros filhos, lhe assegurará paz e tranquilidade por todos os seus dias de vida.

Maria, após ligeira hesitação, afirmou:

— Não será a paz e a tranquilidade dos bens da Terra, Miriam! Registro as advertências, deste meu futuro filho, de que viverei momentos de lutas e verterei muitas lágrimas.

— Não me diga! São presságios dolorosos!

— Em verdade, os pensamentos de Jesus me convocam para buscar a paz nas obrigações fraternais bem vividas e que deverei procurar a tranquilidade da consciência que cumpriu com todos os deveres de amor aos semelhantes.

— Isso soa a sacrifícios, Maria!

— O único sacrifício imposto pelo amor é a quebra do egoísmo, Miriam! E, bem por isso, sinto-me ditosa, já que sei que este meu Filho, acima de tudo, será a Luz Divina para todos os que aspirarem a uma vida integral com as leis divinas.

* * * * *

Maria, agora, estava só.

Sentiu brotar, no fundo de seu coração, um desejo ardente de visitar a sua parenta Isabel.

De pronto, e sem hesitação, entrou pelo galpão onde José, seu marido, estava entregue aos afazeres da carpintaria.

José interrompeu o trabalho ao vê-la e sorriu.

— Que a traz aqui, Maria?

— Ah! José! Sinto em meu coração que deveremos visitar Isabel, a bem-amada esposa de Zacarias, que também espera um filho, assim como nós.

— Mas... Eles moram tão longe, Maria!

— Que importa a distância, José? O sacrifício que impomos para a visita, nos fará crescer em amor fraternal!

José deitou um olhar à sua volta.

— E que será de nossa pobre casinha, Maria?

Ela sorriu e respondeu:

— Ela ficará sob a guarda do Pai Celestial, José! E, além disso, tenho, no fundo de minha alma, a certeza de que seremos convocados para muitas viagens!

José suspirou paciente.

— É... nosso futuro Filho que lhe inspira essa ideia?

— Sim, José! E, sabendo que além de Filho, ele é nosso Mestre e Senhor, quero seguir as sugestões que ele nos transmite.

José coçou a cabeça.

— Nunca ouvi falar de uma criança, ainda no ventre materno, que estivesse a distribuir ordenações a seus pais!

Maria aproximou-se ainda mais de José, dizendo-lhe:

— São ordenações sublimes, meu amado José! Este Filho, que trago no ventre, é superior aos pais! E, como servidores agradecidos e submissos, alegremo-nos em atendê-lo!

4 - VISITA A ISABEL

Era manhã no vilarejo de Nazaré.

José fechava a casa singela para viajar.

Miriam, amiga de muitas horas, abraçava-se a Maria, desejando-lhe uma boa e proveitosa viagem.

— Cuidarei de suas flores, Maria — assegurou a amiga — Pode ir tranquila, embora me deixe já saudosa de sua doce companhia.

— Ore por nós, Miriam — rogou singelamente Maria — Através da oração, estaremos próximas pelas vibrações fraternais.

— Assim farei... e cuide bem do Filho que está em seu ventre!

Maria sorriu e respondeu graciosa:

— Ele é quem cuidará de mim, Miriam! Sigo em viagem por inspiração dele e, por isso, faço-lhe a divina vontade.

— Vamos, Maria — interrompeu José, em tom fraterno — A viagem daqui até Ain Karim é longa demais.

José parou, suarento, debaixo do sol ardente, olhando a montanha.

— Veja, Maria! Já estamos em Judá e bastará que subamos esta montanha, para chegarmos à casa de Isabel.

Visivelmente exausta, mas jubilosa, Maria apressou os passos, vencendo a

derradeira distância, sob o amparo de seu dedicado esposo José. — Finalmente! — exclamou José. Adiantou-se a Maria que, tomando fôlego, contemplava aquela região e fitava, enternecida, aquele lar que iriam visitar.

José foi recebido com um abraço de Zacarias.

O esposo de Isabel, ainda mudo, dirigiu-se a Maria e, quebrando-lhe a contemplação, diante de seu deslumbramento ante a paisagem nova, tomou-lhe a mão e fê-la adentrar ao lar amigo.

Deparou-se com Isabel, grávida de seis meses, que veio a seu encontro.

— Salve, Isabel — saudou Maria, beijando-lhe delicadamente as faces.

Isabel, de súbito, levou as mãos ao seu próprio ventre, sentindo que seu filho, João, ali estremecia. E, no mesmo instante, sentindo-se mediunizada, pelo seu próprio filho, ergueu a voz exclamando:

— Maria, bendita é você entre as mulheres, e bendito é o fruto de seu santo ventre!

E o tom de voz de Isabel se tornou mais grave, masculina, e sob o envolvimento do Espírito de João, que tornaria seu filho, falou:

— Quem sou eu, para que a mãe de meu Senhor, venha me visitar?

E, diante de José e Zacarias, atônitos, concluiu:

— Bem-aventurada é você, Maria, que teve fé e contribuiu para que venha a instalar-se neste mundo a Luz do Mais Alto! Maria, humilde e comovida, baixou os olhos.

Seu coração pulsava célere, ante o quadro tocante e para ela inesperado e, então, confessou-se comovida:

— Meu coração se rende a Jesus pela eternidade. Ele me buscou e, como humilde e singela serva, sinto-me abençoada pelo seu amor.

Ligeira pausa e complementou:

— Jesus em nome de Deus, dará fartura espiritual aos que se encontram famintos de luzes. Repletará de virtudes aos de boa-vontade e será um sol de misericórdia para com todos.

A singela sala foi inundada de perfumes. As lágrimas, descendo pelas faces de todos os presentes, eram expressão de infinita gratidão que nascia em Maria e Isabel, em José e Zacarias.

Todos caíram de joelhos, rendendo-se ao cântico e ao clima dos Espíritos Superiores que ali se faziam presentes.

Maria e Isabel, abraçaram-se em lágrimas de sublime júbilo.

5 - CONFIDÊNCIAS MATERNAIS

Era um cair de tarde em Ain Karim.

A brisa leve, anunciando uma noite agradável, fazia que o jardim de Isabel aromatizasse todo o seu modesto lar.

Maria e Isabel, sentadas à sala modesta.

Tomada de sadia curiosidade, após ligeira hesitação, Maria indagou tímida:

— Que espera você de seu futuro filho João?

Isabel entressorriu, amorosa, e suspirando.

— Sei que João — informou Isabel — atendendo as profecias, virá adiante de Jesus, preparando-lhe o caminho para os ensinamentos redentores, Maria.

Maria sorriu.

— Contudo — prosseguiu Isabel — de minhas confidências com Zacarias, temos certeza de que João é a reencarnação do profeta Elias!

— Oh! Que beleza, Isabel!

Isabel, algo contristada, aditou:

— Você sabe, Maria, que pelas anotações sobre a vida de Elias, naquela sua missão, ele foi impetuoso e, por extremos de zelo, levou muitos sacerdotes à morte e fez inimizades com os reis de seu tempo.

— Sei, sim, Isabel.

— Por essa razão, Maria, sinto-me estremecer em minha alma, rogando ao Criador para poupar o meu João de seus cegos impulsos em vida passada.

— Você teme que... ele sofra as consequências de sua vida anterior, Isabel?!

— Sim! Temo, Maria!

Consoladoramente, Maria informou:

— Mas, se ele se fizer misericordioso, a misericórdia o sustentará e João será livre, para vir adiante de Jesus, Isabel.

— Meu coração se angustia — confessou Isabel, com lágrimas de resignação a banhar-

lhe os olhos — Mas... e o seu Jesus, que será nosso Mestre e Senhor?

— Ele será a Luz do Mundo!

E, após ligeira pausa, complementou Maria:

— Embora eu saiba que Jesus é puro e governador deste nosso mundo, por vezes estremeço, angustiando-me, pressentindo que ele poderá despertar a ira dos sacerdotes e dos poderosos!

— Que tolice, Maria! Que sacerdote ou que homens poderosos se oporão ao Senhor de todos nós? Quem se atreverá a criar-lhe embaraços ou a impor-lhe perseguições?

— Pressinto... que Jesus terá inimigos terríveis, Isabel! Você sabe que todos os profetas de nossa raça foram duramente perseguidos e incompreendidos pelo nosso próprio povo!

E, depois de ligeiro silêncio, complementou:

— Se a mensagem que Jesus trouxe for a de renovação de costumes, antevejo os que se lhe oporão, por terem seus interesses pessoais contrariados.

Lacrimosa, inteirou Maria:

— Jesus será a Luz do Mundo, sim! Mas a luz, por sua natureza, espancará as trevas da má-fé e da ignorância, assim como ocorre quando se limpa um campo, extinguindo os ninhos das serpentes.

— Somos ditosas... e temerosas! — advertiu Isabel — A maternidade, embora prenuncie o nascimento de duas almas valorosas, retalha os nossos corações!

Maria levantou-se.

Fitava demoradamente a paisagem lá fora.

Suspirou, lágrimas nos olhos.

— Deveremos estar preparadas — confidenciou Maria — para não interferir nos atos de nossos futuros filhos! Eles não vêm a este mundo para submeter-se à vontade de nossos corações e nem se subordinarem à vontade de nossos sacerdotes.

E, num momento de divina inspiração, Maria complementou:

— João e Jesus são benfeitores desta Humanidade, Isabel. Farão os infelizes se repletarem de esperanças... mas despertarão, com isso, a ira dos poderosos!

Isabel, sabiamente, ponderou:

— Não deveremos interferir nos planos redentores de nossos filhos, Maria. Façam eles o que fizerem, agindo diferente dos filhos comuns, deveremos respeitar-lhes a vontade, desde seu nascimento.

Maria enxugou lágrimas indiscretas.

— Amemo-los — complementou Maria — antes como suas servidoras, a adivinhar-lhes a divina missão, sem ânsias de subordiná-los a nossa vontade, já que lhes cabe fazer a vontade de nosso Pai Celestial.

E, da porta da modesta casinha, viam o esplendor do poente.

6 - IR A BELÉM

Maria despertou, da longa noite de sono, em sua casinha pobre, no vilarejo de Nazaré. Lembra-se de que, à noite se desprendera do corpo físico e fora ter com um jovem de belos traços, cabelos longos, olhos tão verde-azuis quanto os seus.

— Você... é Jesus?! — indagara.

Ele confirmou, num gesto silencioso, beijando-lhe enternecidamente as mãos e, em seguida, tomou-a consigo e levou-a a um jardim de flores que cintilavam quais as estrelas do firmamento.

Sentia-se deslumbrada e profundamente tímida.

— O que me dá direito de vir ter a este paraíso?! — indagava-se.

— Maria — disse-lhe Jesus — devo cumprir as Leis Divinas e, por isso, busco o seu ventre para ter um corpo humano, a fim de que possa manifestar-me entre os homens.

— Não posso dar-lhe o conforto necessário, filho! Sou pobre e minha casa é singelo abrigo, sem o esplendor a que você faz jus!

— Sei disso, Maria! Na Terra, por certo, não terei uma só pedra onde repousar minha

cabeça! E não busco, nesta minha imersão no corpo físico, outra coisa que não seja o fazer a vontade de Nosso Pai celestial.

— Mas... você é o Governador da Terra!

O Senhor lhe sorriu, esclarecendo, a seguir:

— Não disputo as glórias humanas, transitórias e passageiras, minha mãe! Irei ao encontro dos que aspiram a crescer espiritualmente e oferecerei ao povo de Israel a minha gratidão, por serem os propagadores da mensagem do Deus único. E, tomando as mãos de Maria, qual se fosse um terno pai, diante de uma filha perplexa, Jesus aditou:

— Você sofrerá com meus sofrimentos. Contudo, jamais se rebele com o que os homens confundidos me imporão de sacrifícios. Em tempo algum, não deixe de perdôá-los e compreendê-los ao infinito e, nas mãos que se voltarem contra mim, beije-as espiritualmente.

E tudo se confundiu em brumas.

Maria distanciou sua memória da cena emocionante, ao ouvir um burburinho vindo das vielas de Nazaré e, logo mais, José irrompeu pelo dormitório, visivelmente transtornado.

A jovem levantou-se.

— Que houve, José?!

— Ah! Os romanos trazem, para a nossa vila, a notícia de um tal de recenseamento, Maria, ordenado pelo Imperador Romano!

Maria ouvia, sem compreender inteiramente.

— Isso quer dizer, Maria, que deveremos voltar à terra de nossos pais, para cumprir a ordem do Imperador.

— Deveremos... ir a Belém?!

José confirmou com um gesto mudo de cabeça.

— É o que seremos obrigados a fazer e... justo nestas últimas semanas de sua gravidez, Maria! Ela sorriu conformada.

— Teremos uma boa viagem, José. Se o Imperador assim ordena, é por ter suas razões. E a nós, cabe obedecê-lo, sem reclamações!

— Mas... você está grávida!

— Eu estou bem, José! Afinal, gravidez não é doença! E, além disso, levaremos este nosso Filho a outras regiões desta nossa abençoada terra, já que estamos a serviço do Senhor!

José inspirou fundo e sorriu:

— Minha doce e resignada Maria!

7 - NO RUMO DE BELÉM

Amanhecera em Nazaré.

José resmungando, com alguma sombra de contrariedade em sua alma, cerrava as portas de sua pobre casinha.

— É... Vamos a Belém! — disse a Maria, sem esconder a sua inconformação — O Imperador César Augusto quer este nosso sacrifício!

Maria sorriu, amorosa.

— Meu querido José! Lembremo-nos de que o Imperador Romano também é inspirado por Deus, como qualquer um de nós. Cabe-nos, pois, atender-lhe as ordenações, sem rebeldia, E, mais confortadora, ponderou:

— Lembre-se, José, que com esta viagem que nos é imposta, voltaremos à terra de seus pais e, antes de lá chegar, ainda poderemos visitar a cidade de Jerusalém!

O carpinteiro, então, sorriu.

— Daqui até Belém, são mais de cem quilômetros, Maria! É caminho que não acaba mais!

— Se dermos, contudo, os primeiros passos — contrapôs Maria — a distância ficará mais curta. E, além disso, a cada momento estaremos vivendo em paisagem nova, José!

— Você é sempre otimista, Maria! E muito resignada aos acontecimentos!

Maria o envolveu num olhar de doçura.

— Sabe, José... meu coração diz que Belém será o berço de nosso Filho e que o Pai Celestial quer que assim seja.

E, após ligeira pausa, inteirou:

— Se o nome Belém significa "de onde vem o pão", será que não estamos indo para lá, para cumprir alguma profecia e, também, a fim Jerusalém abria-se aos olhos de Maria.

— Vamos procurar uma pousada para descansar, Maria — sugeriu José, fitando a terna esposa.

— Descansemos, antes, em Deus, procurando a paz no templo de nossa fé, José.

— Se essa é a sua vontade!

E ambos, quais visitantes atentos e curiosos, penetraram pelas ruas estreitas e agitadas daquela cidade, dirigindo-se ao Templo de Jerusalém.

A porta do templo, Maria suspirou.

— José — confidenciou Maria — tenho em meu coração de que o nosso Filho andará por aqui, trazendo mensagens de ânimo e de fé do Pai Celestial.

— Você... acha que ele será um sacerdote?!

Maria contemplou os doentes e infelizes que ali estavam.

— Não tolinho! O nosso Filho deverá revelar um novo mundo de esperanças a todos estes sofredores que temos debaixo de nossos olhos! E cumprindo a vontade celestial, Jesus será a porta para todas estas ovelhas abandonadas e confundidas!

— Você acredita que ele... será um rei ou, então, o principal entre os sacerdotes do templo?

— Não creio nisso, José! Ele não virá, entre os homens, para possuir um trono, à semelhança dos príncipes de nosso tempo. Não deverá impor-se pela política religiosa ou humana, trazendo morte, suor e lágrimas, qual temos visto ao longo de nossos dias.

E, depois de longa pausa, Maria afirmou:

— Jesus será o Príncipe da Paz! Virá para salvar-nos do egoísmo e do orgulho e nos abrirá a porta do aprisco, convocando-nos aos serviços regeneradores.

José se calara, admirado.

— Você... não espera muito de nosso Filho?!

— Espero tudo, José... Tudo o que representa amor e misericórdia, esperança e vida nova aos que sofrem e choram.

Um mendigo aproximou-se do casal. Num impulso, tomou a mão direita de Maria e a beijou em lágrimas.

— Ouvi — disse comovido o mendigo — todas as suas palavras de esperança, Senhora! E, se tudo assim se fizer, bendito seja o fruto de seu ventre! Maria, comovida, retribuiu-lhe com um beijo na face sulcada de sofrimento, recordando, naquela alma sofrida, as luzes de novas esperanças.

José sentiu-se embargado de emoções profundas.

8 - EM BELÉM

José parou e suspirou fundo.

— Belém, a cidade de David! — anunciou, coração aos saltos.

O casal, visivelmente exausto, com Maria arfando, mas se sentindo feliz, contemplava o casario baixo e as ruas irregulares daquele vilarejo.

Um vento frio os açoitava, dentro do anoitecer.

Desceram, pelas ruelas fervilhantes de forasteiros e de outros peregrinos que ali aportavam atendendo à convocação do Imperador Romano, na realização do censo.

O carpinteiro, solícito, amparava a Maria.

— Vamos buscar um lugar onde ficar, Maria.

Ela concordou em silêncio.

Empreenderam, então, uma busca quase inútil, batendo de porta em porta para serem

acolhidos.

E tantos eram os forasteiros que nenhuma família os recebeu.

— Estamos sem vagas! — alegavam. Finalmente, pararam à porta de uma estalagem modesta e ali penetraram, acotovelando-se em meio a pequena multidão, procurando acercar-se do dono da estalagem. — O que vocês querem? — perguntou-lhes o estalajadeiro.

— Queremos um abrigo em sua estalagem

— respondeu José. _____

— Abrigo?! Aqui na estalagem?! Hoje?!

— Sim, meu senhor — informou José, esclarecendo — A minha mulher está grávida e necessitamos de um lugar para o repouso e para o parto.

— Desculpem... mas...

— Veja, senhor — insistiu José — Se fosse só por mim e se não fosse a gravidez de minha mulher, o céu me seria um teto.

— Mas, o que você quer que eu faça, homem? Estes todos — e o estalajadeiro apontou-lhes a pequena multidão que ali estava — estes todos também estão em busca de um abrigo!

— Suplico-lhe, pelo amor de Deus! — insistiu o carpinteiro.

O estalajadeiro suspirou, contrariado.

Demorou-se, porém, a examinar Maria e, por razões que ele desconhecia, comoveu-se diante da insistência de José e informou:

— Infelizmente, só disponho da estrebaria, que fica nos fundos de minha estalagem! Se servir...

— Aceitamos! — confirmou José, fitando Maria.

— Sigam-me, então! José e Maria seguiram-no.

Mais alguns passos, eis que o estalajadeiro lhes apresentou o pousio dos animais, repleto de palhas e de sujeiras.

— Infelizmente... é o que me resta! — desculpou-se o homem — Se quiserem, podem instalar-se aqui! José olhou à volta, arrepiado.

— Ah! Bom senhor! — manifestou-se de pronto Maria, profundamente grata — Este recanto nos serve, sim!

— A senhora é quem sabe!

— Somos-lhe profundamente agradecidos — confirmou Maria — Já que estes animais nos aquecerão, libertando-nos do frio, e estas palhas serão o nosso dadivoso leito.

O estalajadeiro afastou-se.

— Maria — começou José, quase timidamente — Você viu bem onde estamos?

— Claro que sim, José!

— Estamos entre animais, Maria! E, no seu ventre, nesta hora, está o nosso Senhor e Mestre! Será isto que poderemos ou deveremos ofertar-lhe?! — Querido! Estes animais são, também, criados pelo Pai Celestial! Estão, assim, sob o amparo do carinho divino! E, se eles podem pernoitar na estrebaria, por que não poderemos nós aceitar o que eles também aceitam?

9 - NASCE O SENHOR

Era noite.

José demorou-se a ver no céu a lua cheia, transbordando em raios de prata, como a beijar toda a paisagem da Terra em sublime serenidade. Entrou novamente na estrebaria e revelava-se intranquilo.

— Acalme-se, querido — convidou Maria, num sorriso de ternura — Estamos abrigados no amor de Deus.

O carpinteiro ajeitava palhas no chão.

E, num convite amoroso e irrecusável, a jovem o convidou à oração. — Antes que nos perturbemos, José, convém que nos dirijamos ao Pai Celestial, por estarmos sob a bênção deste estábulo.

Ele suspirou e aconchegou-se a Maria.

— Oh! Pai! — rogou Maria, num tom de sublime submissão — rogamos-lhe, Senhor do Universo, abençoar o coração de nosso estalajadeiro que nos acolheu nesta hora, confiando-nos à companhia destas suas outras criaturas, tão dóceis e tão graciosas. Os animais, como que se asserenaram ainda mais, revelando-se tranquilos, olhares serenos. Maria, de súbito, levou a mão ao seu ventre e sorriu.

— E chegada a hora, José!

— Deus meu! Só temos um chão de palhas! E nem um leito para quem vai nascer! Como poderá o Filho de Deus nascer entre nós... nesta estrebaria?

Maria sorriu sentindo o parto.

— José, a luz do Sol pode visitar o pântano e, mesmo aquecendo os vermes que lá estejam, continua sempre sendo luz!

— Mas... aqui?!

— Quem chega... nesta hora... não rejeita a miséria e nem teme a pobreza, José! E não escolheu um palácio para vir a este mundo em missão de amor e misericórdia.

Maria, lágrimas em júbilo a banhar-lhe as faces, sentia-se integrada com as Esferas Mais Altas do Universo e, num dado momento, a sua alma amorosa exalava perfumes e radiações tão sublimes que a própria natureza como se aquietou, naquele instante agosto.

De seu ventre, vinha Jesus!

E, entre o suor maternal, com gotas de orvalho a descer-lhe pelo aveludado semblante, descerrou as cortinas deste mundo para o Cristo de Deus.

Jesus nascera!

A singela estrebaria, naquele momento, repletou-se de luzes do Mais Alto e, no íntimo de sua alma, Maria ouvia os cânticos de louvor das Almas Purificadas, a emoldurarem a lição de humildade e de renúncia e de amor do Filho de Deus.

José, em silêncio, trouxe-lhe alva túnica.

Maria-mãe, naquele instante, envolve Jesus na túnica e, beijando-lhe a criança na fronte, ergue-se e toma a direção da manjedoura.

José estremece e diz:

— Você vai usar a manjedoura como leito... onde comem os animais?!

Maria deposita ali Jesus.

— Agora — diz ela a José — não são apenas os animais que se alimentam aqui, José!

Jesus, nosso Filho, se oferece como um pão espiritual do mundo! Aqui está para nutrir, com humildade, a todos os que tenham fome de amor e de misericórdia.

As mãos carinhosas de Maria-mãe, afagam o Filho muito amado.

Passando a mão direita sobre o rosto de Jesus, confessa:

Sou sua mãe e serva!

José contempla aquele quadro que jamais esquecerá.

E o carpinteiro prorrompe em lágrimas, contemplando Jesus e, enternecido, murmura, inteiramente integrado ao acontecimento:

— Este é o sol de uma nova aurora, revelando novos caminhos aos que andavam em trevas.

O carpinteiro abraça-se a Maria.

E ambos, ternamente enlaçados, erguem preces de gratidão!

10 - OS PASTORES

Belém é uma cidade da Judéia.

Região de pastoreio, a pastagem recobre o seu solo e é tão abundante que favorece a criação de grandes rebanhos.

Nesta hora da noite, reuniam-se os pastores de ovelhas diante de uma pequena fogueira, contando e recontando as suas venturas e desventuras, de coração sempre muito aberto e respeitoso aos princípios divinos. Não havia amargor entre eles. Repentinamente, contudo, fez-se um grande silêncio.

O próprio rebanho se aquietara também.

No fundo das almas desses pastores, por serem homens simples e extremamente integrados à natureza, sentiam-se amparados pela misericórdia divina. — Se dormimos — anunciou um deles, quebrando o súbito silêncio — Deus vela por nós e nós somos gratos ao Criador!

— Falta-nos, no entanto, — lembrou um outro — um pastor divino que se desdobre por nós, como nos desdobramos pelas ovelhas e que seja uma pastor que nos tanja e nos alimente de esperanças.

Um outro, então, concluiu:

— Falta-nos, mesmo, um tal pastor, já que o templo de nossa fé só nos impõem encargos. Os sacerdotes criam exigências mil, sem que as suas palavras nos sirvam de alimento d'alma!

— Esse Pastor Celeste, uma dia virá, conforme anunciaram os Profetas — confirmou um de mais idade entre eles — Sei, no fundo de meu coração, que um Pastor Divino nos socorrerá!

O mais jovem, entre eles, levantou-se e revolveu a fogueira, acordando labaredas nas brasas recobertas de cinzas.

— Curioso! — disse outro deles — Sinto-me tão em paz, dentro de minha alma, qual se houvesse já uma nova esperança, nestes campos do Senhor! — Eu também — assegurou outro deles — E como se a porta do Céu se estivesse descerrado para todos nós.

— Eu sinto que a graça divina nos envolve a todos.

O mais idoso, entre eles, levantou-se e, fitando um a um de seus companheiros, disse-lhes:

— Sinto... que devemos orar!

De pronto, um dos mais jovens ergueu-se e, olhando a lua cheia, ergueu a voz, repassada de um tom amoroso:

— Oh! Deus! Dê-nos a sua bênção, transformando as nossas esperanças em realidades! Não nos deixe entregues às sombras. Revista-nos com a sua luz, assim como o seu amor envolve estes campos com alimentos e claridades.

Súbito, todos estremeceram, sentindo algo envolvente!

Um Espírito Superior materializou-se diante deles, envolvendo-os em brandas luzes.

Os pastores, assustados, sentiram um grande temor.

— Nada temam! — assegurou-lhes o espírito, procurando acalmá-los — Venho anunciar-lhes a grande notícia de que vocês cogitaram, nesta hora!

Os pastores se entreolharam espantados.

— Hoje — anunciou o espírito — nasceu para vocês o Salvador, o Cristo e nosso Senhor!

Nasceu... onde?! — atreveu-se o mais jovem, que orara em voz alta — Onde nasceu o nosso Salvador?

— Aqui! Em Belém! — respondeu o Mensageiro Celeste.

— E... é a nós que isso se anuncia?! Somos simples pastores de ovelhas! Não temos virtudes e nada somos!

— Aquele que é o Salvador — esclareceu o espírito — veio a este mundo para ser o pastor dos pobres de espírito, veio para os mais humildes, já que os mais destacados da Terra deixam as portas de seus corações sejam guardadas por ardentes paixões e, com isso, tais criaturas não estão amadurecidas para receber o noticiário divino.

O jovem avançou interessado.

— E... como saber quem é Ele?! E... onde estará?!

O Mensageiro Celestial informou:

— Procurem numa estalagem de Belém, uma modesta estrebaria, e nos fundos dela, lá vocês encontrarão, deitado numa manjedoura singela, um Menino envolto em panos.

— Ele... — gaguejou o jovem, sem prosseguir.

— Esse menino é o Salvador — assegurou o espírito.

E, antes que levantassem novas indagações, materializaram-se outros espíritos que

agradeciam a Deus pelo nascimento do Cristo na Terra.

E, para abrir as portas de esperanças, demonstrando-se em missão de paz e reconforto, todos eles agradeciam a Deus, dizendo: — Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa vontade para com todos os homens!

Os seres angelicais se desvaneceram.

Os pastores se entreolharam, lacrimosos e espantados, deslumbrados diante dos acontecimentos da hora, quando o mais jovem os convidou:

— Vamos a Belém! Percorramos todas as estalagens e estrebarias, até que encontremos o nosso Salvador, já que ele será luz em nossas vidas e em nosso mundo.

* * * * *

Os pastores chegaram à estrebaria.

Observados por alguns curiosos, aproximaram-se da manjedoura, encontrando-se com o menino envolto em panos.

— Assim... como os espíritos anunciaram — murmuravam alguns deles, diante de Maria e de José.

E, em se acercando respeitosos, ainda mais, os pastores sentiram que daquela criança lhes vinha uma radiação de profunda ternura e que, daqueles olhos sublimes, lhes vinham bênçãos.

— Sendo este o Salvador — começou um dos mais velhos a falar a Maria — por que este berço tão estranho?

Maria sorriu compassiva.

— Por ser este o Senhor — esclareceu a doce-mãe — cabia-lhe dar-nos o exemplo de renúncia e de humildade legítimas. E, por fazer-se o alimento espiritual dos que choram e sofrem, está neste tabuleiro singelo para convidar-nos ao banquete divino das bem-aventuranças!

Todos se sentiam tocados pelo amor daqueles olhos infantis.

Os pastores, então, voltaram às suas tarefas, agradecendo a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido naquela estrebaria de Belém.

E, assim, Maria guardava em seu coração tudo o que via e ouvia, vindo daqueles corações despojados de preconceitos e que, por isso mesmo, reconheciam no menino-Jesus a presença de Luz na Terra.

11 CASA EM BELÉM

Silas, o mais jovem dos pastores, voltou à sua casa em Belém, chegando com ar pensativo.

— O que tem você, Filho? Não está bem?!

O jovem, de olhar distante, suspirou sem oferecer resposta à indagação de sua mãe, Lídia.

Ela aproximou-se carinhosa.

— Alguma coisa você está escondendo, Silas. Vamos, fale, filho! Porventura não posso participar de seus pensamentos?

— Pode, mãe! E... que... — e calou-se.

— Aconteceu alguma coisa com as ovelhas entregues a seus cuidados? — Oh! Não, mãe! Quanto a isso, fique tranquila. Sei bem cumprir com as minhas obrigações de pastor.

— Então... filho?!

Silas suspirou novamente, ainda em silêncio.

Envolvendo a mãe, num olhar de imenso carinho, Silas falou:

— Mãe! Se quando nasci, se a senhora estivesse não em casa, mas numa estrebaria... e por leito tivesse apenas a me dar uma manjedoura, onde comem os animais... a senhora ficaria grata se alguém lhe oferecesse uma casa para abrigá-la... mesmo que essa casa fosse pobre e modesta quanto esta?

— Ora, Filho! Você não nasceu numa estrebaria e nem seu berço foi uma manjedoura!

— Eu sei, minha mãe!

Lídia fitou demoradamente Silas.

— Você, Silas, quer me dizer que alguém se encontra nessa situação dolorosa?

Ela confirmou com um gesto de cabeça.

— Deus meu! — espantou-se a mãe — Se alguém vive esse pesadelo, deveremos prestar-lhe assistência!

Silas levantou-se sorrindo e beijou as faces de sua mãe.

— Então, mamãe! Acompanhe-me até a estalagem de Jacó! E vamos trazer, para este nosso singelo lar, um casal e... o seu filhinho!

Lídia, seguindo Silas, entrou tímida e quase incrédula.

Viu Maria a amamentar a criança.

— Meu Deus! — exclamou, profundamente condoída.

José, que reconhecera de pronto Silas, que lá estivera, na noite que passara, com outros pastores, foi receber o jovem com alegria e com profunda resignação.

Após o abraço do carpinteiro, Silas se voltou para Lídia.

— Aí está, mamãe! E esta criança, debaixo de nossos olhos, é o nosso Salvador!

— Nosso... Salvador?!

E Silas, com sua natural jovialidade, narrou-lhe a aparição do espírito, na noite que findara, e detalhou tudo o que ouvira do Divino Mensageiro, junto aos demais pastores.

Lídia aproximou-se ainda mais de Maria.

— Você... teve esta criança aqui? — indagou.

A mãe de Jesus apenas sorriu comovida.

— Oh! Deus! — prorrompeu a mãe de Silas, comovida — Também sou mãe... e quero oferecer-lhes o meu singelo lar!

Maria lacrimejou, agradecida.

Silas, de pronto, ajudava o carpinteiro a arrumar seus pertences e, num instante, anunciou eufórico:

— Vamos!

Maria ergueu-se, com Jesus em seus braços.

Olhou a seu derredor, comovida, guardando em seu coração aquele cenário rústico, onde se dera o seu divino parto.

— Ah! Só lhes peço que, antes de sair deste estábulo que me comove, em toda a sua singeleza — rogou Maria, num tom de verdadeira humildade e gratidão — Só lhes rogo que deixemos a expressão de nosso carinho a tudo que nos rodeia. E, pondo-se de joelhos sobre as palhas, acompanhada nesse ato por todos os que ali estavam, trazia o Jesus-menino em seus braços e levantou seus olhos para o Mais Alto.

Oh! Deus! Abençoe mais uma vez esse pouso singelo, onde foi de sua vontade tivesse eu este seu Filho! Abençoe, também, a estes dóceis animais que nos deram o seu calor, em noite de inverno, e que nos cederam também, a sua singela manjedoura, para que o verdadeiro alimento do mundo se fizesse entre nós!

Profunda e sublime serenidade no ar.

Ouviu-se, ao longe, um toque de flauta de um pastor de ovelhas, a chamar seu rebanho. E todos caminharam, em silêncio, tangidos por oração interior, pelas vielas de Belém, na direção do lar de Lídia e de Silas.

12 NA CASA DE LÍDIA

Amanhecera em Belém.

Silas, após a longa vigília nos campos do pastoreio, zelando pelas ovelhas, voltou transpassado de sono, naquelas primeiras horas de um novo dia. Antes de adentrar em seu lar, o jovem lavou o rosto com água fria de uma tina nos fundos da casa, e sacudiu a cabeça, espantando os sinais de cansaço.

Entrou, refeito, e encontrou-se com Lídia, sua mãe.

Beijando as faces maternas, viu que Maria deixava seu modesto quartinho e, de pronto, após beijar-lhe as mãos, indagou:

— Como está o menino?

— Em paz, Silas! — respondeu Maria, tocada profundamente pela ternura com que o jovem se referia a Jesus — Em paz...

— Posso... vê-lo? — indagou tímido.

— Claro que sim, meu querido!

Silas, voltando-se para Lídia, tomou-lhe uma das mãos, e os três adentraram ao cômodo singelo, onde repousava o menino-Jesus.

A criança estava acordada.

Silas, extasiado, atraído pelo magnetismo que emanava da criança, fitava-lhe os olhos azuis-esverdeados e acariciava seus cabelinhos loiros que reluziam no lusco-fusco daquela manhã fria. Ajoelhou-se Silas ao pé do leito.

Lídia, comovida, enxugava algumas lágrimas de serena alegria e, voltando-se a Maria, afirmou:

— Oh! Maria! Quando me aproximo deste seu Filho, nestes olhos infantis reencontro serenidade em meu coração! Ele parece... uma luz nova, dentro deste nosso mundo conturbado!

— Ele é... o Salvador! — asseverou Silas, absolutamente convicto — E só senti-lo, para sabermos que estamos diante do Filho de Deus!

Lídia, voltando-se para Maria, assegurou:

— Deus lhe confiou um tesouro, Maria! A mãe de Jesus suspirou.

— E um tesouro divino, sim! — ela ponderou, num tom grave — E, dentro das profecias correntes em nosso povo, Jesus "se erguerá como um arbusto verde, vivendo na ingratidão das almas confundidas e carregará o fardo pesado de nossas culpas e sofrimentos, tomando sobre si todas as dores, a fim de redimir-nos".

— Ele parece tão humilde! — confidenciou Lídia — Mas, em sua presença, como que nascem os sinais de novas esperanças para todos!

Maria, então, confidenciou:

— Queridos! Este meu Filho, de quem sou mera servidora, marcará na Terra o início de novas esperanças. Ele será o tesouro de amor e fé para todos os infelizes e será vida nova para todos os desvalidos.

E, após ligeira pausa, Maria completou:

— Sinto que, no futuro, serão os corações humildes e aflitos que lhe guardarão os divinos ensinamentos, como um cântico de bem-aventuranças!

Silas suspirou, tocado pelas palavras de Maria, aditando:

— Sinto que Ele é o pastor e nós somos as ovelhas desgarradas de seu rebanho! Seu amor, contudo, irá buscar-nos nos vales da dor e do desencanto, tangendo-nos para o seu divino aprisco!

— Você fala a linguagem dos pastores, Filho — advertiu Lídia — E não creio ser justa essa sua comparação!

Criou-se um silêncio inesperado.

Uma luz resplendeu naquele quarto singelo, causando algum espanto, e, do meio dela, uma voz branda, qual se fosse o ciclo de uma brisa, anunciou: — Filhos, o nosso jovem Silas foi o porta-voz do Mundo Superior! Jesus é, realmente, o Divino Pastor e buscará as ovelhas desgarradas de seu rebanho, chamando-as uma a uma, para retornarem a seu aprisco. E todas as que forem de seu rebanho, lhe reconhecerão a voz, e a Ele se voltarão.

O leito de Jesus se iluminou.

13 SACERDOTES DA PÉRSIA

A cidade de Jerusalém era calma.

Seu grande templo, quase orgulho da raça, reconstruído por Herodes, nomeado Rei da Judéia pelo Imperador Romano — esse templo se fazia, também, um centro de boatos que rompiam com a tranquilidade local.

Nesta hora a cidade fervilhava.

É que alguns sacerdotes da Pérsia haviam chegado à capital do judaísmo e, buscando o pátio do templo, indagavam:

— Onde está o menino que nasceu para vir a ser o Rei dos Judeus?

— O que vocês dizem? — perguntou o capitão da guarda — Um novo Rei dos Judeus?!

— Sim! É isso mesmo — respondeu educadamente um daqueles sacerdotes — Estamos chegando do Oriente, onde vimos as Luzes que anunciavam o nascimento dele!

— Vocês estão enganados! Não há nenhum outro Rei, a não ser Herodes. — Não havia!

— assegurou outro daqueles sacerdotes — Mas agora há e viemos adorá-lo!

O Rei Herodes espumava de rancor.

Fechando o punho, bateu estrondosamente sobre o tampo de uma mesa, vociferando:

— Quero saber! Quero saber!

Os grandes sacerdotes do templo e os esbribas, convocados às pressas para aquela reunião no Palácio Real, estremeceram diante da cólera do Rei Herodes, por sabê-lo muito cruel, quando contrariado.

— Vamos, seus palermas! — gritava irado — Que história é essa do nascimento de um outro rei, em minhas terras?

Silêncio pesado sobrepairava no salão.

— Onde esse tal de Cristo haveria de nascer? — gritou o Rei, examinando a reação de cada um daqueles servidores do templo — Onde? Digam-me!

O principal deles adiantou-se:

— Rei Herodes! Segundo a profecia, o Cristo haveria de nascer na cidade de Judá, no vilarejo de Belém!

— Que maldita profecia é essa? — prorrrompeu o irado Herodes, dando socos no ar —

Que profecia é essa, sacerdote?

O sacerdote, temente, esclareceu:

— O anúncio profético, Majestade, diz: "Você, Belém, terra de Judá, já não é de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de você sairá um guia que há de apascentar ao meu povo de Israel".

Herodes avançou contra o sacerdote, espumando de rancor e, tomando-o pelo pescoço, ordenou:

— Tragam-me esse falso profeta aqui! Vou matá-lo com minhas próprias mãos, para que não mais lance perturbação em meu reino!

— Não posso trazê-lo, Majestade!

— Você me desafia?

— Não, meu Rei! Não o desafio! É que quem fez essa profecia foi Miquéias, um profeta já morto há muitos séculos!

O capitão da guarda, instruído por Herodes, foi com alguns soldados, nas horas da noite, à estalagem, onde sabiam estarem hospedados os sacerdotes do Oriente.

— Onde estão os persas? — indagou do estalajadeiro, com voz calma, pacífico.

— Vieram... prendê-los?! O capitão sorriu.

— Não! Não viemos prendê-los, já que são estrangeiros bem-vindos ao palácio de nosso Rei Herodes.

Assim, dentro da noite serena, escoltando os médiuns da Pérsia, os guardas os conduziram à presença de Herodes.

— Ah! — exclamou sereno Herodes, ao vê-lo em seu salão real — Dispense a guarda e deixem-nos a sós.

O capitão atendeu e todos se retiraram. Herodes aproximou-se do grupo à sua frente.

— Os senhores... vieram do Oriente! Quem são, afinal, para que possamos dar-lhes o trato fidalgo que merecem?

O principal deles respondeu:

— Somos sacerdotes da Religião de Zaratrusta que, alguns, conhecem por Zoroastro!

— Então... são homens de... Deus?!

— Homens a serviço de Deus! — retificou o sacerdote.

— E... o que os trouxe até este meu reino?

— É que, em nosso templo, na Pérsia, vimos a Luz do Mais Alto, que nos anunciava o nascimento do Cristo de Deus! E, por sabê-la verdadeira, viemos a segui-la, através de nossa clarividência e... viemos adorar aquele que nasceu para liderar o povo de Israel.

Herodes, a custo, conteve seu impulso agressivo e, transpirando nervosamente, ensaiou pálido sorriso.

— Eu, também, quero... adorá-lo! — falou Herodes — E, por isso, quero que vocês vão até a cidade de Belém e, informando-se alegremente sobre esse menino e onde se encontra, voltem para cá, trazendo-me notícias dele, para que eu também vá adorá-lo, uma vez que ele será... o meu rei!

— Deus seja louvado! — saudou o médium persa — Tudo faremos, como Vossa Majestade nos ordena!

— Oh! Não! Não lhes ordeno, caros sacerdotes! Suplico-lhes... Peço-lhes... já que ficarei jubiloso em dele ter notícias seguras!

Aqueles médiuns partiram felizes.

Tão logo se puseram em caminhada, rumo a Judá, voltaram a ver a Luz Espiritual do Mais Alto, que os havia guiado até ali.

Acercaram-se de Belém.

Um deles, levantando o braço, fez que todos parassem, logo à entrada do vilarejo.

— A Luz, pairou sobre aquela casa!

— Lá deve estar o Senhor! — exclamou outro deles.

Cautelosos e confiantes, avançaram na direção da Luz.

Bateram à porta, corações envoltos por profundas emoções, pressentindo que veriam o Senhor.

Silas abriu-lhes a porta.

— Aqui... está o Salvador? — indagou um deles, esclarecendo a seguir:

Vimos do Oriente para adorá-lo!

Abrindo inteiramente a porta, Silas correu avisar Maria da visita inesperada.

Maria veio recebê-los.

— Você... é a mãe? E a mãe daquele que regerá o povo de Israel?

Maria os fitou, enternecida.

— Sou a serva do Senhor! E Jesus, meu Filho, naturalmente se fará servidor de todos os povos, doando seu coração para a causa da Harmonia e do Bem! O médium ajoelhou-se, aos pés de Maria, beijando-lhe as mãos, em lágrimas de verdadeira felicidade.

— Ah! Finalmente o Cristo!

— Levante-se, bom homem — rogou Maria — Já que não será a meus pés que se fará a Luz do Mundo.

E, abrindo a porta do quarto, Maria disse-lhes:

— Aqui está o Senhor!

Os médiuns do Oriente, movimentando-se mansamente, um a um adentraram ao compartimento singelo e, diante do Menino, que os acolhia com luz em seu olhar, ajoelharam-se comovidos e o adoraram, orando.

* * * * *

Horas mais tarde, com a noite já presente, num céu salpicado de estrelas, hospedaram-se os médiuns na estalagem de Jacó. Foram visitar o estábulo, na companhia de Silas.

Ouviram, dos lábios do jovem pastor, as narrativas sobre o anúncio do nascimento de Jesus, quando se encontrava com seus demais companheiros no campo das ovelhas.

— Levaremos a Boa Nova ao Rei Herodes! — assegurou um deles — Esta notícia deve percorrer todo este nosso mundo, com destaque aos apelos dos Espíritos Superiores de que tenhamos "boa vontade para com todos os homens".

E, dali, foram repousar.

Durante a noite, contudo, quando já se confiavam ao sono reparador, o mesmo espírito

que os guiara, até ali, materializou-se diante deles.

— Oh! Deus! — agradeceu um dos sacerdotes — Que fizemos para merecer tal alta graça?!

— Amigos — disse-lhes o Espírito Ben-feitor— Não retornem ao palácio de Herodes! Já que vocês viram o Cristo de Deus, afastem-se de Jerusalém e voltem ao templo de sua fé, anunciando a todo o Oriente que a Misericórdia Divina se faz entre todos! E, assim, esses sacerdotes voltaram à Pérsia, sem passarem pela cidade de Jerusalém!

14 DESPEDIDAS

Silas não dormira bem aquela noite.

Assim é que, mal o sol despontara, aos clarões de um novo dia, iluminando o casario singelo de Belém, o jovem colocou-se ao lado do leito em que se encontrava o menino-Jesus.

José aprontava o alforje, com as poucas coisas que possuíam. Maria, entrando e saindo do pequeno quarto acolhedor, onde recebera inúmeros visitantes e curiosos e até a comissão de médiuns da Pérsia, aprestava-se para a viagem, endereçando ternos olhares a Silas.

— Eu... queria estar com Ele! — confessou Silas, num tom já de imensa saudade — Sinto-me, Maria, ao lado de seu Filho, qual uma ovelha que se abriga no amor de seu pastor!

Lídia, com carinho, ponderou:

— Embora quiséssemos reter este Menino-Luz, junto de nossas almas, Silas, aceitemos o alvitre da Providência Divina, dando-nos por felizes por tê-lo abrigado em nosso singelo lar.

Maria sorriu docemente, lembrando:

— Se a lei divina da maternidade foi o caminho escolhido pelo nosso salvador, isso significa que ele quer que se cumpram todas as leis, Silas!

Ligeira pausa e Maria complementou graciosa:

— Se na lei de nosso povo está escrito que "todo primogênito de sexo masculino será consagrado a Deus", iremos até o Templo de Jerusalém para ofertar Jesus ao Pai Celestial.

— Mas... ele é o Filho de Deus! — contrapôs Silas, demorando-se a contemplar o menino no leito.

— E mais uma razão, Silas — ponderou Maria — para que façamos tudo como nos é imposto!

— Eu... — ia discordar Silas.

Maria, colocando-lhe delicadamente os seus dedos sobre os lábios do jovem, considerou:

— Se Jesus, que é o Salvador, não mandou os espíritos que o auxiliam a alertar-nos sobre outros rumos a lhe serem dados, guarde a certeza, Silas, de que temos de nos inclinar diante do que foi prescrito por Moisés!

Silas suspirou.

Maria, reclinando-se sobre o leito, tomou o menino-Jesus em seus braços, enquanto José se aproximava após ter ultimado os derradeiros preparativos para a viagem.

— Vamos a Jerusalém! — afirmou José, num tom de pesar e gratidão.

Lídia abraçou-se ardentemente a Maria e, com ternura, derramou doces lágrimas sobre a criança que estava junto ao coração maternal.

Já na porta, Silas beijou a fronte do menino-Jesus.

— Silas — disse-lhe Maria, comovida — você estará sempre em meu coração e, com isso, reparto com a nossa Lídia a sua maternidade, tomando um pedaço de sua alma, como se fosse parte de minha própria vida!

O jovem sentiu-se confortado e feliz.

— Mãe de meu Salvador — sussurrou Silas, resignado — Jamais hei de esquecê-la e... um dia... espero em Deus, voltaremos a ver-nos, sob as bênçãos deste seu Filho, Jesus!

Maria e José tomaram o rumo de Jerusalém, enquanto Lídia e Silas os viam distanciarem-se debaixo de uma tênue cortina de lágrimas de amor fraternal. O casal, já distante, antes de uma curva que os colocaria fora do alcance das vistas de Silas, parou e voltaram-se ambos à direção do lar que lhes servira de abrigo.

Maria, olhando seus amorosos hospedeiros, embora à distância, ergueu Jesus na direção do sol e uma luz serena, como que partia do coração do menino em direção a Lídia e Silas.

O jovem pastor soluçou, caindo de joelhos ao chão!

15 EM JERUSALÉM

Simeão sentia-se enfermo.

Entregava-se, por inteiro, ao socorro de criaturas infelizes que viviam em casebres misérrimos, no arrabalde de Jerusalém.

Caminhando com alguma dificuldade, aquele homem que amava aos desvalidos, alcançou as ruínas daquela que já fora formosa casa, por ela penetrando destemeroso, apesar das sombras.

— Jacó! Jacó! — murmurava Simeão, entre as sombras à sua volta que lhe dificultava a visão de quem ali estivesse — Aqui estou, Jacó! Sou o seu amigo Simeão.

E, naquele instante, arrastava-se um pobre mendigo, recoberto por panos envelhecidos e rotos, e que vinha atender ao chamado fraternal.

— Oh! Simeão! — falou o infeliz, em voz cavernosa.

Simeão, homem justo e piedoso, sentou-se ao lado de Jacó, o pobre leproso, trazendo-lhe a cabeça sofrida a seu colo,

— Tenho sede! — murmurou Jacó — Tenho fome!

— Trouxe-lhe tudo o que você precisa, Jacó! E se mais não lhe posso dar, dou-lhe o meu coração e o meu carinho!

E, entressorrindo, Simeão completou:

— Também me sinto doente, Jacó!

— Oh! Pelo amor de Deus, Simeão! Não diga tal coisa! Se você não me visitar, morrerei à míngua!

— Não, Jacó! Embora os homens lhe evitem, sob o falso argumento de que

you are impuro, por ser um leproso, você tem em Deus a pureza d'alma! E, mesmo que eu lhe venha a faltar, Deus não lhe faltará.

— Será?! De onde lhe vem essa certeza, Simeão?

— É que eu sei que, em breve, o Salvador estará entre nós.

E, baixando a voz, quase em confissão amorosa, Simeão destacou: — Um espírito do Senhor, em me visitando esta noite, Jacó, assegurou-me de que eu não morreria sem primeiro ver o Cristo de Deus!

— Ver... o Cristo de Deus?!

— Sim, Jacó! O Cristo de Deus, nosso Pastor e Guia, que trará luzes e consolação aos que sofrem, já deve estar a caminho de Jerusalém e, por isso, sei que vou vê-lo no templo de nossa fé.

Simeão, benevolente, deu água e alimento a Jacó, aconchegando-o a seu peito, qual se aquele farrapo humano, abandonado por todos, fosse um filho de seu coração.

Ana, filha de Fanuel, viúva de seus oitenta e quatro anos, médium de grandes virtudes, chegava novamente ao Templo de Jerusalém, onde permanecia orando, aguardando a hora do Senhor.

Consolava mendigos e aflitos.

— Ah! — dirigiu-se ao pobre Jairo — Sente-se mais animado hoje?

— Um... pouco — respondeu o interpelado — Fiz orações, aqui mesmo neste pátio, já que não me admitem dentro do templo, à vista de minha miséria.

— E... como se sentiu?

— Senti-me como um menino... repleto de esperanças, Ana! Como alguém que espera muito... e sabe que não tem direitos de reclamar!

Ana sorriu, confortadora.

— Em verdade, Jairo, nenhum de nós tem merecimento, por muitos serem os nossos des-vios do bem, no curso de nossas vidas! Contudo a misericórdia de Deus nos suporta e nos socorre!

E Jairo, então, queixou-me amargurado:

— Os guardas do templo nos enxotam, Ana! Não nos querem aqui o tempo todo, dizendo que a nossa presença traz tristeza aos que vêm orar na casa do Poderoso!

— O Cristo virá — anunciou Ana convicta, diante dos demais desvalidos — E, quando o Senhor chegar, haverá de dar-nos o pátio do amor, para que nos levantemos na direção do Mais Alto.

* * * * *

Simeão e Ana estavam no templo.

Eis, então, que Maria e José entraram, tímidos, deslumbrados com a riqueza das edificações e das solenidades religiosas, trazendo o menino-Jesus para consagrá-lo a serviço do Criador.

Simeão, num ímpeto, avançou na direção do casal, seguido de perto por Ana.

— Senhora — disse Simeão, respeitoso, com olhar fixo no menino que Maria carregava com carinho e ternura — Deixe-me tomar o Salvador em meus braços.

Maria, confiante, entregou-lhe o menino.

Simeão, caindo de joelhos diante do perplexo sacerdote do templo, sentiu-se envolto por espíritos de Luz e, sob essa influenciação do Mundo Maior, clamou:

— Oh! Senhor! deixe que este seu servo, agora, vá em paz deste mundo, segundo a sua promessa, já que em meus braços está o Salvador do mundo! Sei que este menino, nosso Salvador, como uma luz única e inconfundível, iluminará todas as nações e será a glória do povo de Israel!

Levantando-se Simeão abençoou a José e a Maria e, dirigindo-se mais particularmente à divina Mãe, anunciou-lhe:

— Este menino é o nosso Salvador! Ele será a causa da queda dos duros de coração e, por outro lado, levantar-se-á como a esperança de redenção de muitos.

E, após verter lágrimas, Simeão complementou:

— Maria, este seu Filho, Luz em nossas trevas de sentimentos, revolverá os corações humanos e, por isso, muitos serão os que se oporão ao seu divino ministério. Mas, muitos outros serão os que, por Ele, serão libertados das dores e das trevas.

Ana secundava-lhe o júbilo.

— Oh! Deus! — exclamou a profetisa Ana — Este Jesus é a porta das ovelhas! Ele, o Cristo de Deus, nos libertará dos pesados fardos que os sacerdotes nos impõem e enxugará, como Pastor Divino, as lágrimas das ovelhas que ouvirem a sua voz!

José sentiu-se apreensivo.

Maria, contudo, com Jesus novamente em seus braços, sentia-se a mais ditosa de todas as mães, embora soubesse que Jesus seria um renovador de costumes e que, por isso, sofreria sarcasmos, oposição e perseguição de muitos.

Maria beijou Simeão e Ana, comovida, deixando-os em lágrimas.

16 FUGA

A manifestação de Simeão, no instante que Maria e José ofereciam seu menino a serviço de Deus, e as notícias propaladas pelo coração justo e generoso da profetisa Ana, rapidamente se espalharam pelas cercanias do Templo de Jerusalém.

Maria e José, atônitos, embora profundamente tocados no fundo d'alma com o carinho com que se recobrirá seu Filho, Jesus — já ganhavam distância, indo na direção dos afastados bairros do centro da cidade de Jerusalém.

José guardava alguma preocupação.

— Que esperam de nosso filho, Maria? Parece-lhes que um anjo chegou do Mais Alto,

para ficar a disposição de todos.

Maria sorriu.

— E o nosso anjo de Deus! — temperou a jovem mãe, demorando seu olhar sobre o filho que lhe ia no colo — E se os justos, que servem ao Pai no templo, guardam a certeza da missão redentora que cabe a Jesus, é porque eles são os espelhos da Misericórdia Divina!

E, assim, seguiam adiante, permutando doces esperanças.

O Rei Herodes, procurado em particular por seus colaboradores diretos, recebeu a informação sobre o que ocorrera no templo.

— Inferno! — vociferou — Será que esse tal de Salvador me esteve quase sob minhas mãos!

Irado, ameaçava:

— Vou mandar cortar a língua, de todos vocês que só me trazem notícias más! E que não servem, num só momento, para levar-me a colocar as mãos sobre o pequeno embusteiro!

Os seus auxiliares estremeçeram.

— Como chegar a ele?! — gritou, em quase crise de medo — Se deixar escapá-lo, mesmo que ele não se faça um líder diante de Israel, a lenda de sua existência e a sombra dele levará muitos a me desobedecerem.

— Não sabemos onde eles se hospedam. Deve ser a casa de algum nobre... se efetivamente esse menino for a semente de um Rei!

Herodes estremeceu.

Entrando em silêncio, ao consultar a si mesmo, eis que reabre os olhos, em chispas de ódio.

— Tragam-me Simeão e Ana! Esse dois devem ser comparsas e, assim, através deles chegaremos ao tal do menino.

E, nesse cair da noite, os soldados de Herodes vasculharam por todas as vielas, em busca de Simeão e da profetisa Ana.

José buscava o leito.

Deitou-se, sentindo-se temeroso, diante de todo alarde decorrido do cumprimento da Lei de seus profetas.

— Maria... — ele ensaiou, quase a falar-lhe no ouvido, bem junto de si — Estou... em angústia!

— Por que José?

Após ligeira hesitação, o seu esposo continuou:

— Não sei a razão, Maria! A fala de Simeão e a alegria de Ana parecem ter deixado o sacerdote do templo em estado de contrariedade...

— Durma tranquilo, José! Se o que é humano pode perturbar a ordem divina por alguns momentos, lembremo-nos de que tudo se recomporá, no tempo de Deus!

Maria acariciou os cabelos de José, qual mãe a desvelar-se pelo filho. Candeia apagada, sombras no humilde compartimento, o menino em seu tosco leito... e dormiram.

Simeão e Ana foram levados ao palácio de Herodes.

O Rei, a passadas largas e calculadas, olhar que chispava fagulhas de ódio contido, aproximou-se ameaçador de Simeão.

Olho no olho.

— Você — disse Herodes — acolheu uma criança no templo, consagrando-a como o Salvador?

— Eu a aguardava há anos, senhor! Esperei-o até agora, para que eu pudesse desencarnar, após vê-lo!

— E... onde está essa criança? Simeão fitou-o sereno.

— O senhor, que é Rei, não sabe onde encontrá-la? E quer encontrá-la... por quê?

— Responda-me: onde está essa criança? Simeão suspirou e asseverou:

— Sendo aquele menino o Filho de Deus, sugiro-lhe dirigir-se ao Divino... e a ele endereçar essa pergunta!

— Mas... não é você um médium? Não foi você que secundou a consagração desse menino?

E, quase sufocando Simeão, Herodes gritou:

— Responda-me: onde ele está?

* * * * *

José agitou-se no leito.

Sentou-se de pronto, com bagas de suor a derramar-se por todo o seu corpo.

À sua frente, um espírito.

— José — diz-lhe o Emissário Celestial — convém que você desperte Maria e, todos os três, devem ir ao Egito!

— Como? Por quê?

— As sombras espirituais sitiaram o coração de Herodes e, por isso, levantem-se, como lhes ordeno, e tomem o destino do Egito.

Maria despertou também.

Aceitando que estavam recebendo uma visita do Mais Alto, tão logo foi informada da urgência de se retirarem para o Egito, concordou com o aviso. Ainda noite, furtivamente, juntaram seus poucos pertences e, com o espírito à sua frente, tomaram a direção indicada, seguindo após os passos do Emissário Celestial.

Já estavam distantes de Jerusalém.

O espírito ia despedir-se, deixando a sós, quando José indagou, algo aflito:

— E... por que ir ao Egito?

— E que Herodes quer matar o menino e, também, é porque assim se cumprirá a profecia que anunciou: "Do Egito chamarei meu Filho." Eram as despedidas.

— Até quando ficaremos lá, amigo? — indagou José, antes que o espírito desvanecesse diante de seus olhos — Até quando ficaremos lá?

— No tempo justo, José, irei avisá-los e, até que eu os avise, permaneçam no Egito.

E Maria, silenciosa, guardava estas coisas em seu coração.

17 NO EGITO

José, alguns passos à frente de Maria, parou e, depois de enxugar do rosto as bagas de suor, apontou o vilarejo.

— Eis Matariyed, Maria! — disse o carpinteiro, trazendo a esposa num abraço, junto a seu peito — É onde ficaremos!

— Graças ao Criador, estamos a salvo com nosso Filho, José! — exclamou Maria, aconchegando o menino-Jesus em seu colo.

E avançaram na direção da cidadezinha egípcia, algo sobressaltados por estarem penetrando por terras estranhas.

Contornaram o pequeno lago que, ao fundo, emoldurava a pirâmide de Gizé, com algumas palmeiras e seus arbustos.

Sentaram-se, exaustos, na areia!

Aproximou-se deles uma senhora.

À pequena distância, a estranha os examinava e, num ímpeto, acercou-se ainda mais.

— Vocês são... judeus? — ela indagou — Vejo pelas suas roupas e modos, que vocês são parte de nosso povo!

— Sim! — confirmou José — Somos judeus, em busca de um lar.

Sara, então, chegou-se à família e, em vendo o menino abrigado no colo materno, comoveu-se.

— Formamos, nós, os judeus, uma pequena comunidade nesta região, de onde saíram os nossos condutores espirituais — informou Sara — e, como vocês são recém-chegados, venham a meu lar.

Maria estava refeita da longa peregrinação através das estradas desertas e poeirentas e,

também, confiava o filho a um leito acolhedor, na casa de Sara.

José, sentado à sala, assegurou:

— Não queremos ser pesados ao seu lar, Sara.

— E não serão! Sou viúva, sem filhos e quase sem parentes diretos e... vocês trazem alegria a meu solitário coração, meu bom amigo!

— Sou carpinteiro, Sara! E, como existem outros judeus nessa região, poderei retirar o nosso sustento, servindo aos que necessitam de meus préstimos.

Sara sorriu.

E Maria, delicada, afirmou:

— Ficaremos apenas o tempo necessário, Sara! Não queremos ser um peso ao seu lar e nem queremos alterar o seu sistema de vida!

— Ora, Maria! Vocês são a família que me faltava e, por isso, quero-os aqui, não só em minha casa, mas também em meu coração!

Maria beijou as mãos calosas de Sara.

A noite chegava serena. Sara, saindo do quarto onde estava o menino-Jesus, sentou-se defronte de Maria.

— Este seu filho, Maria, irradia uma ternura celestial! E, mais que uma simples criança, parece-me alguém descido a este mundo com alguma missão sobre-humana!

Maria sorriu tímida.

Sara, após fitá-la longamente, disse-lhe:

— Aqui, no Egito — esclareceu a benfeitora — recolhemos muito da cultura do nobre povo egípcio e, entre outras de nossas conquistas, alguns de nós dominamos a mediunidade!

— Ah! Vocês se familiarizaram com os Espíritos do Senhor! — exclamou a mãe de Jesus — E, como nós, vocês recebem a orientação amorosa deles?!

— Exatamente isso, Maria!

E, após breve pausa, Sara complementou:

— Assim como Moisés, um grande médium a serviço do Senhor, foi medianoiro dos Mandamentos Divinos, trazendo-nos as tábuas da Lei, também nós, na intimidade do lar, acolhemos revelações do Mais Alto.

Os meses fluíram céleres.

Jesus, na casa de Sara, parecia ter duas mães, tais eram os cuidados de que se via cercado e com a ternura com que Sara e Maria se desvelavam por Ele. E, ao cair de cada noite, quando a natureza se asserenava, reuniam-se todos, junto ao menino, em orações tocantes, tão profundamente emotivas que a casa era toda invadida por orvalho perfumado.

José, após um dia de atividades exaustivas, recolheu-se ao leito, buscando o refazimento de suas energias.

Maria, a seu lado, sentia-se, naquela noite, singularmente saudosa das paisagens da Judéia.

Ela adormeceu serena, com algumas gotas de lágrimas a lhe perolizarem as faces róseas, guardando infinita gratidão por tudo o que recolhia naquela região tão distante de seu lar.

Súbito, José estremeceu.

Abriu os olhos e, à sua volta, sentia que mais alguém chegava àquele dormitório singelo.

Sentou-se no leito, atento.

Um espírito materializou-se à sua frente e, após uma saudação de paz, o Emissário Divino assegurou-lhe:

— José, já estão mortos aqueles que intentavam contra a vida de seu Filho, Jesus!

— O Rei Herodes... morreu?! — José gaguejou.

— Sim! Morreram o Rei Herodes e seus comparsas! E hora, portanto, de você levantar-

se e tomar o menino e a sua mãe, Maria, e retornarem à terra de Israel. José estava confuso e Maria acordou. O espírito voltou-se, então, para Maria e disse-lhe:
— Senhora! Cumpre-se, agora, a profecia de Oséias: "Eu chamei do Egito meu filho".

* * * * *

O dia clareara.

Maria, chegando-se a Sara, junto ao fogão daquele lar, buscava em seu interior algumas palavras fraternais, para comunicar-lhe de que voltariam a Israel.

A jovem, contudo, sentia-se constrangida.

Sara, contudo, ao notar-lhe o embaraço, abriu-se num sorriso fraternal, dizendo-lhe:

— Eu sei, Maria! Os espíritos do Senhor nos visitaram esta noite e, por disposição divina, vocês deverão retornar a Israel!

— Mas... deixo meu coração com você, Sara! Jamais esquecerei este tempo em que o seu lar se transfigurou em meu lar e em que o seu coração se tornou meu coração!

À porta da rua, próximas ao vilarejo bem-amado, beijaram-se em lágrimas de amor fraternal.

— Estarei orando por vocês, Maria! E, quando este menino crescer, diga-lhe que, daqui do Egito, alguém o ama profundamente!

E, subordinados aos desígnios divinos, Maria e José, junto com Jesus-menino, foram distanciando-se lentamente, acenando a Sara que, em doces lágrimas, dizia de si para si mesma:

— O Cristo de Deus, em meu lar!

18 OÁSIS

O solo era áspero e arenoso.

Um vento forte, soprando na direção sul, obrigava Maria a desvelar-se pelo menino em seus braços, recobrando-lhe a cabecinha.

José protegia-se também.

E, após caminharem um tanto mais, avançando contra o vento e poeira forte, o carpinteiro ergueu o braço, apontando para o norte e, voz semi-abafada em sua túnica, anunciou:

— Veja, Maria! Um oásis! Redobrando esforços e revitalizados pela esperança, com o vendaval a espancá-los pelas costas, alcançaram aquele lugar que era um pouso de caravanas.

Súbito, uma quietude!

Deram mais alguns passos, entre as palmeiras apascentadas, aproximando-se de pequeno e tranquilo lago, marulhado por refrescante brisa.

José limpava-se do pó.

— Deus meu! — exclamava o carpinteiro — Somos provados pela penúria e pela dor!

Maria, colocando o menino-Jesus sobre o manto que estendera no solo arenoso, tinha os olhos e o coração voltados inteiramente para seu Filho e, diante do ligeiro mal-estar do carpinteiro, advertiu-o:

— Somos servidores, José! Alegremo-nos, diante das dificuldades mínimas, a fim de termos condições de equilíbrio para suportar as dificuldades maiores... sem lamentações!

E, fitando o menino, acrescentou:

— Debaixo do olhar deste nosso Filho, José, veja que somos ditosos!

— Ditosos... Maria?!

— Sim, querido companheiro! Cada hora nossa, cada momento de nossa vida, tem sido marcado pela manifestação dos espíritos do Senhor! E se esta nossa criança, precioso fardo que o Pai Celestial nos confiou, a tudo se submete com resignação e brandura, que direito teremos de lamentar-nos, nós que somos meros servos?

José sentou-se junto dela.

Ouviram, então, gritos e ruídos de uma caravana, com dromedários chegando debaixo das vozes de comando de caravaneiros.

Um daqueles camelos de pescoço curto e de uma só corcova aproximou-se dócil, embora exausto, e acomodou-se perto de Maria, como se estivesse a protegê-la.

O menino-Jesus, olhos cintilantes, afagou o animal.

Samuel, acompanhado de seus auxiliares, ao ver a cena e aos que ali estavam, acercou-se solícito:

— Estão... perdidos? — indagou Samuel.

— Não, meu bom senhor — informou Maria — Estamos nos refazendo de uma longa, mas doce caminhada. — De onde vocês vêm?

— Do Egito — informou José.

— E... caminham a sós?! — espantou-se o chefe dos caravaneiros — E, além de sós, ainda trazem uma criança?!

Maria sorriu e respondeu:

— Ninguém caminha só, Samuel! Se estamos em Deus, o nosso Criador é nosso guia e sublime protetor!

Samuel, tocado por aquelas palavras, indagou:

— A senhora... crê assim?

— E por que não demonstrar essa confiança, Samuel, se todos somos filhos do Criador?

Samuel, perplexo, chamou a seus auxiliares.

— Vamos! Vamos! — apressava-os — Tragam tâmaras e alimentos, para estes filhos do Altíssimo!

O céu estava salpicado de estrelas.

O Filho de Maria, Jesus, estava cercado pelos caravaneiros, homens rústicos de vida difícil, que se sentiam atraídos pelo doce magnetismo que emanava do menino.

Fogueira acesa.

— Para onde vocês se destinam, José? — indagou Samuel, como alguém que lágrimas, dizia de si para si mesma:

— O Cristo de Deus, em meu lar!

18 OÁSIS

O solo era áspero e arenoso.

Um vento forte, soprando na direção sul, obrigava Maria a desvelar-se pelo menino em seus braços, recobrando-lhe a cabecinha.

José protegia-se também.

E, após caminharem um tanto mais, avançando contra o vento e poeira forte, o carpinteiro ergueu o braço, apontando para o norte e, voz semi-abafada em sua túnica, anunciou:

— Veja, Maria! Um oásis! Redobrando esforços e revitalizados pela esperança, com o vendaval a espancá-los pelas costas, alcançaram aquele lugar que era um pouso de caravanas.

Súbito, uma quietude!

Deram mais alguns passos, entre as palmeiras apascentadas, aproximando-se de pequeno e tranquilo lago, marulhado por refrescante brisa.

José limpava-se do pó.

— Deus meu! — exclamava o carpinteiro — Somos provados pela penúria e pela dor!

Maria, colocando o menino-Jesus sobre o manto que estendera no solo arenoso, tinha os olhos e o coração voltados inteiramente para seu Filho e, diante do ligeiro mal-estar do carpinteiro, advertiu-o:

— Somos servidores, José! Alegremo-nos, diante das dificuldades mínimas, a fim de termos condições de equilíbrio para suportar as dificuldades maiores... sem lamentações!

E, fitando o menino, acrescentou:

— Debaixo do olhar deste nosso Filho, José, veja que somos ditosos!

— Ditosos... Maria?!

— Sim, querido companheiro! Cada hora nossa, cada momento de nossa vida, tem sido marcado pela manifestação dos espíritos do Senhor! E se esta nossa criança, precioso

fardo que o Pai Celestial nos confiou, a tudo se submete com resignação e brandura, que direito teremos de lamentar-nos, nós que somos meros servos?

José sentou-se junto dela.

Ouviram, então, gritos e ruídos de uma caravana, com dromedários chegando debaixo das vozes de comando de caravaneiros.

Um daqueles camelos de pescoço curto e de uma só corcova aproximou-se dócil, embora exausto, e acomodou-se perto de Maria, como se estivesse a protegê-la.

O menino-Jesus, olhos cintilantes, afagou o animal.

Samuel, acompanhado de seus auxiliares, ao ver a cena e aos que ali estavam, acercou-se solícito:

— Estão... perdidos? — indagou Samuel.

— Não, meu bom senhor — informou Maria — Estamos nos refazendo de uma longa, mas doce caminhada. — De onde vocês vêm?

— Do Egito — informou José.

— E... caminham a sós?! — espantou-se o chefe dos caravaneiros — E, além de sós, ainda trazem uma criança?!

Maria sorriu e respondeu:

— Ninguém caminha só, Samuel! Se estamos em Deus, o nosso Criador é nosso guia e sublime protetor!

Samuel, tocado por aquelas palavras, indagou:

— A senhora... crê assim?

— E por que não demonstrar essa confiança, Samuel, se todos somos filhos do Criador?

Samuel, perplexo, chamou a seus auxiliares.

— Vamos! Vamos! — apressava-os — Tragam tâmaras e alimentos, para estes filhos do Altíssimo!

O céu estava salpicado de estrelas.

O Filho de Maria, Jesus, estava cercado pelos caravaneiros, homens rústicos de vida difícil, que se sentiam atraídos pelo doce magnetismo que emanava do menino.

Fogueira acesa.

— Para onde vocês se destinam, José? — indagou Samuel, como alguém que

— Menino! Sou-lhe grato! Agradeço-lhe, mas creio que jamais nos voltaremos a ver-nos, já que ando por caminhos furtivos... e você anda em luz!

Jesus olhou-o com amizade.

— Ainda um dia, Barrabás, estaremos lado a lado, submetendo-nos à preferência de uma multidão aflita e de coração endurecido!

Barrabás sorriu pensativo e retomou seu caminho.

Maria voltou-se a Jesus.

E, já habituada a atender os estranhos que o menino lhe levava a seu lar, sentia-se ditosa diante daquele coraçãozinho repleto de carinho pelos infelizes do mundo.

20 JUNTO AOS SACERDOTES

A cidadezinha de Nazaré acordara.

Mal o sol despontara e as famílias se entregavam a aprontar-se para uma peregrinação à cidade de Jerusalém, distante uns cem quilômetros, por caminhos poeirentos, daquelas ruas pacatas.

Miriam adentrou à casa de Maria.

Chegou num clima de franca alegria e deslumbramento.

— Vamos a Jerusalém! — exclamou, logo na entrada — Vamos ao templo, adorar a Deus, na comemoração da Páscoa!

A mãe de Jesus lhe sorriu.

— Devemos vivenciar o amor ao Criador, Miriam, em todas as horas de nossa vida e onde quer que nos encontremos.

— Porém... em Jerusalém, ainda mais! Maria, conselheiral e prudente, aditou: — Com

todo o meu respeito pela sua alegria, Miriam, convém lembrar que devemos fazer, de nosso próprio coração, o templo do Pai Celestial! E nossas orações, de devoção e carinho, devem exprimir-se por atos de amor ao próximo. — Mas... na capital do judaísmo, Maria, participaremos da Páscoa, a festa máxima de nossas almas, em que comemoraremos a libertação de nosso povo da escravidão no Egito!

Maria sorriu e considerou:

— Você está esfuziante, Miriam, é diante das doenças e cantos de nossa gente.

Isso, contudo, não basta!

José entrou pelos fundos da casa.

— Tudo pronto, Maria! Já podemos nos incorporar aos peregrinos que vão daqui a Jerusalém.

— Vamos! — bradou Miriam.

Jerusalém estava fervilhante.

A cada momento, novas caravanas aportavam à cidade, acrescentando-lhe aos seus naturais habitantes que, fraternalmente, acolhiam em seus lares os que ali chegavam para a comemoração da Páscoa.

Miriam se deslumbrava.

Jesus, em seus doze anos, a tudo contemplava, mantendo-se discreto e pensativo diante das explosões de ruidosos cumprimentos e espalhafatosos abraços.

No arrabalde, abrigaram-se na casa de Maria de Marcos, que os acolheu com ares de profunda ternura.

A hospedeira, acariciando os cabelos do jovem Jesus, encantava-se diante de seus olhos serenos, em cujas cores parecia espelhar o Infinito. — São os mesmos olhos seus, Maria! — concluiu Maria de Marcos — Contudo, parecem olhos que vêm além do que alcança a nossa visão!

Transcorridos os sete dias de festa da Páscoa, todas as famílias que haviam buscado Jerusalém, se despediam de seus hospedeiros, num festival de abraços.

O tom era já de saudade.

— Onde está Jesus? — indagou Maria.

— Ah! Nosso menino deve ter seguido com outros de sua idade, Maria! — considerou José, despreocupado — Logo mais o alcançaremos ou, então, ele virá até nós!

E, assim, fizeram o caminho de um dia.

Maria, mãe desvelada, sentiu crescer a sua preocupação pela ausência do filho e, por isso, discretamente passou, com José, a procurá-lo entre seus parentes e seus amigos de Nazaré.

— Não! Não vi seu filho!

— Será que não se adiantou, junto de outras crianças? — alguém sugeriu. — Não! — respondeu Maria, convicta — Ele não nos deixaria... sem avisar-nos!

E, diante da mãe aflita, José sugeriu:

— Regressemos a Jerusalém!

E, assim, fizeram o caminho de retorno à capital, dirigindo-se diretamente à casa de Maria de Marcos.

Bateram à porta da casa.

Maria de Marcos veio atendê-los.

— Vocês?! Já de regresso a Jerusalém!

— Nosso filho... está, não sabemos onde! Já o procuramos por toda parte e... nada!

— Não se aflija! — aconselhou Maria de Marcos sorrindo e, também, já apreensiva — Seu filho sabe o que tem a fazer, Maria!

E, subitamente envolvida por um espírito amigo, Maria de Marcos, em tom grave, assegurou:

— O menino-Jesus está entre os sacerdotes do Templo de Jerusalém! Lá vocês o encontrarão, discutindo coisas de Nosso Criador!

E todos foram ao templo.

Lá chegando, encontraram o jovem Jesus sentado entre os sacerdotes que se postavam a ouvi-lo e com ele a discutir.

— Como pode uma criança querer falar de coisas divinas? — dizia asperamente um dos sacerdotes, dirigindo-se aos demais.

— As coisas do Pai Celestial — respondeu-lhe diretamente Jesus — podem chegar ao coração de um sacerdote pela inocência de uma criança. E, quase para escândalo deles, o jovem Jesus complementou:

— O coração do homem, por vezes, se deixa sitiar por preconceitos e por falsos princípios e, assim, a criatura não se subordina a seu Criador, mas quer que o Criador se sujeite a seus caprichos e interesses pessoais.

Outro dos sacerdotes assegurou:

— Mas... o templo de nossa fé é o único lugar que se adora a Deus, meu garoto!

— O Pai — respondeu Jesus — está por toda parte! Para servi-lo, não se faz necessário criar um lugar especial, já que todos os lugares são santificados pela bênção celestial! E, para honrá-lo com nosso amor, não basta sacrificar aves e animais no altar, sem o esforço de sacrificarmos os nossos próprios erros! — E... quem lhe disse que temos erros? Somos sacerdotes e doutores da Lei! — Pois os que sabem, deveriam amar e servir aos que não sabem, sem impor-lhes sacrifícios vão! E, se não servimos a todos, através do amor, já estaremos carregados de muitos enganos!

Explodiram divergências entre os sacerdotes.

E, nisso, chegaram Maria e José, seguidos de Maria de Marcos e de Miriam. A mãe adiantou-se.

— Filho, por que você fez assim comigo e com seu pai? Nós lhe procuramos de corações aflitos!

Jesus fitou a eles todos.

— Por que vocês me procuravam? Não sabem, ainda, que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?

Maria ruborizou-se, confusa.

— Mas... filho! Você é, ainda, uma criança... E se coloca a discutir com os doutores e sacerdotes de Jerusalém?!

— Mãe — responde-lhe docemente o jovem Jesus — Discuto as coisas de meu Pai com aqueles que dizem representá-lo diante do mundo! E, querendo endireitar o caminho de seus corações, tão somente estou a colocá-los no rumo das interpretações corretas da Von-tade Divina!

Jesus, contudo, levantou-se de entre os sacerdotes e, evidenciando que era submisso a seus pais, desceu com eles a Nazaré.

E Jesus, em Nazaré, crescendo em idade, revelava-se pleno de sabedoria e bondade, diante de Deus e de todos os homens, e Maria, profundamente tocada pela ternura de seu filho, sentia-se envolto pelo seu coração.

21 UNIÃO DIVINA

Estamos em Cafarnaum.

A vegetação rasteira, vendo-se daqui, estende-se qual tapete áureo, na direção do lago de Genezaré, onde as brumas da madrugada se dispersaram de sobre as águas serenas. Vento brando ondula a superfície do lago, sem quebrar-lhe a doce serenidade.

Jesus completara trinta anos.

João, o filho de Zebedeu, o jovem que se fez um de seus primeiros discípulos, adentra o lar singelo, onde Maria, mãe de Jesus, alongava seu olhar, reconfortando-se com a paisagem calma.

— Senhora — chama-a João, em voz mansa.

Ela se volta, contemplando-lhe o semblante juvenil, sentindo no olhar de João a submissão de quase um filho bem-amado.

— Que quer, João?

— É certo que hoje iremos a uma festa de noivado, juntamente com o nosso Mestre e Senhor?!

Maria sorriu.

— Sim! Iremos acompanhá-lo, João!

E, após ligeira e intencional pausa, Maria informou:

— Quero apresentar o meu Filho ao mundo, João! Jesus me convidou a acompanhá-lo e, como mãe, sinto que essa festa é um prenúncio de união entre a Boa Nova que nos traz Jesus e o Plano Espiritual Superior!

— Então... não é uma simples festa! Maria, algo pensativa, confirmou: — O que Jesus faz, por amor, é sempre um símbolo para guardar no coração, pela eternidade ou, então, tem algum sentido que transcende as coisas de nosso mundo, João! E, por bem tê-lo no fundo de minha alma, sei que essa festa de noivado tem algo que nos convidará ao crescimento espiritual!

Estamos em Caná da Galiléia, vilarejo que fica ao norte de Nazaré.

A mãe de Jesus faz-se presente.

Os discípulos, que se ajustavam ao programa do Mestre, entremeavam-se entre os demais convivas, exalando a alegria daquele encontro.

Era a festa da união divina.

Maria, que tudo observava e guardava em seu coração, num dado instante deparou-se com três servidores daquela casa.

— Senhora — disse um deles — O vinho, princípio de Vida, que servíamos aos convivas desta união, acabou!

— E... agora?! — indagou outro servidor.

A mãe de Jesus, incontinente, buscou seu Filho, entre os convidados da festa, dizendo-lhe:

— Filho, os que servem não mais têm o vinho da vida!

Jesus, fitou-lhe com enlevo, dizendo-lhe, a seguir:

— Mãe! Ainda não é chegada a minha hora de atendê-los.

Maria, comovida diante da tristeza de todos, chamou aos servidores e lhes determinou:

— Façam tudo o que Jesus lhes disser! Sei que meu Filho é portador das Esperanças do Mais Alto e, assim, se vocês seguirem as suas ordenações, Jesus lhes alimentará com a vida abundante que não se encontra nos templos de pedra.

Jesus, próximo, acedendo à insistência maternal, aconselhou:

— Se esgotamos o vinho da esperança e desejamos a verdadeira união com o Mais Alto, ajuste este plano de vida com as ideias que renovam todos os caminhos, coloquem a água da vida nas jarras de seus corações.

— Teremos, assim, vida nova? — indagou um dos servidores — E, se for assim, com ela poderemos servir a todos e nossos corações se fundirão com os Céus!

E Maria, singela, anunciou:

— Queridos! Até ontem, qualquer princípio de vida lhes servia! A partir de agora, contudo, todos poderemos participar da verdadeira vida.

Esta festa de noivado, preludiando o casamento da Terra com o Mundo Maior, numa união divina, é quanto nos basta!

E os convidados para a união celestial, em ouvindo a seguir a palavra do Senhor, que os conclamava ao crescimento espiritual, sentiam-se convocados a servir mais e mais.

Um da casa, então, falou:

— Oh! Senhor! Por que nos foi servido antes o falso vinho da vida e só agora o Senhor nos serve a boa doutrina?

Silêncio geral.

— Eu lhes mandei, antes, os profetas e os reveladores. Eles, no entanto, muitas vezes adulteraram o vinho celestial, ensinando-lhes mandamentos que nasciam dos homens. Agora, contudo, trago-lhes a Boa Nova, colhida na fonte divina, para que vocês aprendam a servir com alegria, mesmo quando deixaram que as sombras lhes assaltassem o ânimo!

— Oh! Mulher! — proclamou o Mestre — Deixei-a apresentar-me ao mundo, porque sei que todos os homens, quando se sentem abatidos no ânimo ou confundidos pela tristeza, buscarão chorando os corações maternos para só então, lembrando a sua terna figura, Maria, eles se recomponham para a união celestial. O sol buscava o poente, repintando os céus de Caná!

22 NA CASA DE SIMÃO PEDRO

Maria, mãe de Jesus, contemplou o lago de Genezaré, encantando-se com a docilidade daquela imensidão de águas que refletiam o azul do céu.

Os arbustos... as árvores... a vegetação rasteira... o marulhar das ondas, repletas de mansuetude, num dia esplendoroso e claro, com nuvens alvas, num firmamento anilado. Avançou, logo após, na direção de Cafarnaum.

E, ao cair da tarde, alcançou o lar de Simão Pedro, encontrando-se com João, o filho de Zebedeu, à porta da entrada.

Mestre e Salvador!

Maria sorriu, maternalmente, pois sentia João, de há muito, qual se ele fosse um outro filho de sua alma.

— Onde está Jesus? — ela indagou. Mateus adiantou-se, informando: — O Senhor saiu, na companhia de Simão Pedro, a fim de prestar socorro à viúva Eunice que se encontra enferma.

— E... vocês não os acompanharam?!

— Não, Senhora! — informou Mateus— Nosso Mestre nos deixou aqui, afirmando que, com a colaboração de Pedro... tudo seria resolvido, esclarecendo-nos que, em determinadas circunstâncias, é com o pouco que se faz o muito! Maria, sob as atenções de Safira, acomodou-se perto dos demais discípulos de Jesus.

O jovem João rompeu o silêncio.

— Maria, como você sentiu aquele encontro em Caná? Pareceu-me que o propósito da união divina, ventilado por Jesus, não foi bem compreendido naquela casa!

— Senti o mesmo que você, João — respondeu Maria.

Tiago, filho de Alfeu, quase num tom de censura, objetou:

— Jesus não é muito polido no trato com a crença sustentada pelos fariseus. Os fariseus, no entanto, são muito poderosos e, uma aliança com eles, abreviaria a instalação do Novo Reino. A controvérsia instalou-se.

— A Luz — assegurou Tiago, irmão de João — não pode ter parte com as trevas!

Maria, num gesto de conciliação, ponderou:

— Não se deixem possuir por divergências, em razão de interpretações discordantes em torno da ação de meu Filho! A discórdia gera ressentimento e, com isso, vocês perderão tempo e trabalho, comprometendo a tarefa que lhes é confiada.

E, após o súbito silêncio, ela completou:

— Se andarmos na Luz, na claridade implantada pelo Mestre, todos seremos participantes das mesmas esperanças. E valerá lembrar, neste momento, que Jesus reafirma sempre que Ele não faz a sua própria vontade, mas faz, isto sim, a vontade do Pai Celestial

Breve pausa e Maria aditou:

— Se não nos unirmos, entre nós mesmos, e nos subordinarmos à Boa Nova, como poderemos aspirar a união divina, aspirada por Jesus, a favor de toda a Humanidade?

O jovem João, querendo acalmar os ânimos, aditou: — Se o Mestre faz a vontade do Pai, como nos iluminarmos e desempenharmos a nossa parte complementar, se estivermos a criar interpretações pessoais?

E, tomando o fôlego, o jovem completou:

— Quem de nós sabe a vontade do Pai, a não ser o Mestre?

Maria, confortadora, ponderou:

— Não nos escravizemos ao nosso ponto de vista pessoal, já que deveremos empenhar-

nos em assimilar os sagrados princípios do Mais Alto, para termos em nós a alavanca da caridade.

Maria levantou-se e, adentrando ao quarto da sogra de Simão Pedro, foi colocar-se à sua cabeceira e consolá-la de suas dores momentâneas e, ao enxugar-lhe o suor abundante, refletia: "Quando o amor há de prevalecer sobre todas as opiniões transitórias, criando um reino de paz em todos os corações?!" E suas lágrimas, expressão de amor maternal, desciam-lhe pelas faces acetinadas, como a preludiar as dificuldades e os grandes embates a que se entregaria o Mestre, diante da Vontade do Pai Celestial.

23 MÃE E FILHO

Estamos próximos de Nazaré.

Espalha-se o casario por entre oliveiras, tendo ao fundo a fechar-lhe a paisagem, um monte alto que se confunde com a abóbada celeste.

Maria, discretamente à distância, vê que um leproso, esgueirando-se entre a multidão, aproxima-se de Jesus.

Esse homem, exausto, cai aos pés do Senhor.

Muitos, dentre aqueles que também buscavam o Senhor, afastam-se ligeiramente, como que tomados de modo e de repulsa do contágio e, também, da propalada impureza espiritual, anunciada pelos sacerdotes.

Jesus, chega-se a ele, penetrando com seu olhar a alma do infeliz. Os fariseus, ali presentes, quais fiscais a examinar cada um dos atos do Mestre, encolhem-se temerosos diante do enfermo.

— Se você quiser — clama o leproso, dirigindo-se súplice ao Senhor — você pode me curar!

— Estupidez popular! — resmunga admirado um daqueles sacerdotes — Como redimir este pecador da maldição divina, já que a lepra é o sinal da condenação que Deus lhe impõe?!

O leproso, prostrado de joelhos diante de Jesus, insiste:

— Se você quiser, você me cura!

Maria sentia-se comovida.

Seu coração maternal, longe de escandalizasse diante da súplica do leproso, como que envolvia aquela infeliz criatura, numa onda de profunda ternura. Jesus, fitou amorosamente a Maria e, compadecido daquele que se prostrara a seus pés, estendeu a sua mão direita sobre a cabeça do leproso e, tocando-a com o infinito de seu amor, disse-lhe:

— Eu quero, filho! Por isso ordeno: fique limpo da lepra!

Os sacerdotes ensaiaram risos de ironia.

Mas, naquele justo instante, e à vista de todos, o corpo chagado do leproso começou a recompor-se e os sinais da lepra desapareceram!

— Estou... limpo! — clamava e chorava o ex-leproso — Estou limpo!

O espanto se instalou na multidão.

— Vá agora — disse-lhe Jesus — aos sacerdotes e ofereça-lhes, pela sua purificação, aquilo que Moisés prescreveu, a fim de que eles comprovem e atestem a sua cura.

— Irei, Senhor! — afirmou o homem em lágrimas comoventes de gratidão — Irei até os sacerdotes!

E o homem, purificado, ergueu-se em transe de indescritível alegria, mostrando-se a todas as pessoas, após rasgar as próprias roupas:

— Vejam! O Nazareno me libertou! Estou limpo! Vejam!

Os sacerdotes, contudo, acercaram-se de Jesus e buscavam repreender aquele que fora curado:

— Ninguém pode fazer isso, Nazareno! Você é, por certo, um bruxo que arrasta as multidões, após seus passos, tão somente por lançar mão de sortilégios!

Você confunde as pessoas e nos quer confundir também!

— Do que vocês me condenam? — responde-lhes o Mestre, num tom humilde e sereno.

— Você tem parte com os demônios! — gritou um deles, gesticulando ameaçadoramente — Só os demônios fazem com que o povo se confunda! Maria estremeceu, sentindo o clima de hostilidade por parte daqueles sacerdotes que censuravam o seu Filho.

Jesus, contudo, estava sereno.

Maria notou, quando o vozerio amainou, que os olhos de seu Filho foram tomados de tristeza. Algumas lágrimas lhe desciam pelas faces e ela sentiu o seu coração transpassado de dor.

O sol estava se pondo.

A multidão, diante do adiantado da hora, após já ter ouvido de Jesus a palavra mansa e confortadora, repleta de esperanças e reerguida na fé, se dispersava.

Maria, então, foi ao encontro do Filho.

— Meu filho... você chorou! Jesus aceitou-lhe o coração.

— Mãe — respondeu compassivo o Senhor — as minhas lágrimas são de compaixão diante daqueles sacerdotes que deveriam representar a Misericórdia Divina, diante do povo que sofre e chora!

Maria ouvia em silêncio.

— No entanto, Maria, aqueles que se dizem embaixadores de Nosso Pai Celestial, desconhecem as maravilhas do amor que redime a todos os erros humanos e que abre sempre novas portas para a redenção!

E, após ligeira pausa, enquanto caminhavam juntos, Jesus completou: — Não choro por mim, Senhora! Choro, antes, pelos que sofrem! E minhas lágrimas são um lamento diante da dureza de coração dos sacerdotes de todos os templos. É que, com o orgulho que os corroi, eles alargarão a noite nos corações humanos e retardarão o Reino dos Céus, nas almas dos que padecem.

E Maria, abraçada a Jesus, chorou também por todos nós!

24 NA SINAGOGA

O sábado amanhecera calmo.

Vindo de Cafarnaum, com alguns poucos de seus discípulos, Jesus penetrou pelas ruas estreitas do vilarejo de Nazaré, onde havia crescido.

Revia, assim, a fonte onde ia buscar água, a mando de sua mãe Maria. E, erguendo seus olhos, deteve-se a examinar a sinagoga que frequentara, em sua adolescência, ao lado de seus pais.

Aproximou-se da rústica edificação e entrou.

Seus discípulos ficaram próximos da porta.

O pequeno salão, destinado ao culto religioso em todos os sábados, estava tomado pelos judeus daquela agreste região.

E Maria, acompanhando os irmãos de Jesus, entre os quais estavam um deles, chamado Tiago(*), ensaiou erguer-se e ir ter com seu Filho, quando Jesus surpreendeu um gesto de contrariedade de Tiago e, num olhar amoroso, dirigido a Maria, o Senhor rogou-lhe, para conservar-se sentada.

Ela atendeu, embora a sua alma abraçasse a seu amado Filho.

Ela apascentou-se, em oração.

Não sabia o motivo, mas estava algo angustiada.

— Vamos à leitura! — anunciou o ministro daquela casa de orações — Quem a fará?

Jesus levantou-se para ler.

O ministro, então, ao vê-lo à sua frente, entregou ao Nazareno o livro do profeta Isaías, tendo-o, antes, aberto ao acaso.

Jesus inspirou, erguendo uma oração ao Pai Celestial, por aquele instante de sua vida e, ante a expectativa geral, leu a passagem do livro que lhe fora entregue:

— O espírito de Deus está sobre mim e mandou-me levar a Boa Nova aos humildes e, também, a anunciá-la aos que caíram nos abismos do erro, como a oportunidade de sua

libertação espiritual, abandonando a cegueira voluntária a que se hajam confiado. Jesus, então, devolveu o livro ao ministro da sinagoga e sentou-se junto aos demais presentes.

Todos o olhavam espantados.

O Senhor, então, disse-lhes:

— Hoje, cumpre-se em mim o que Isaías anunciou ao descrever a missão do Messias.

Um dos presentes, ressentido, cochichou;

— Esse moço... não é o filho de José, o carpinteiro?

— Sim, é! — confirmou um outro — É o tal que, noutras terras, dizem que faz curas espantosas e que anuncia o Reino de Deus!

— E... aqueles ali... são seus discípulos!

— Como pode cometer a blasfêmia de apresentar-se como o Messias?! Um outro, mais atrevido, abalou o coração de Maria, ao gritar e rasgar as próprias roupas, num gesto teatral característico daqueles judeus, desafiando: — Se você fez maravilhas em Cafarnaum, seu embusteiro, por que não faz o mesmo nesta sua cidade e diante de nossos olhos?

— E isso mesmo! Faça um milagre, Jesus! — gritou um mais idoso.

Jesus, levantando-se, disse-lhes:

— Digo-lhes que nenhum missionário é bem acolhido em sua própria terra!

— Falso! Embusteiro! — agrediam por palavras.

Maria chorava em silêncio.

— Lembrem-se — disse-lhes Jesus com passivo, procurando arrancá-los das sugestões sombrias do ciúme — Lembrem-se de que o profeta Elias estava desassistido em sua própria terra e, necessitando de hospedagem, não foi convidado por nenhum dos seus, mas terminou acolhido por uma viúva sem religião e, em troca de ter sido agasalhado com amor, socorreu-a quando a miséria se instalou em meio a todos os israelitas!

O ministro da sinagoga, querendo abrandar a revolta, aditou:

— Isso que Jesus está falando é uma verdade! Vocês a encontrarão no Livro dos Reis e, realmente, somente uma pagã se beneficiou da Misericórdia Divina!

E Jesus, então, ainda reforçou:

— Havia leprosos em Israel, no tempo do profeta Eliseu, mas nenhum deles se viu limpo da lepra, a não ser o sírio pagão chamado Naaman, que acolheu ao profeta! A fúria cresceu na sinagoga. — Fora com o embusteiro! — estimulou um fanático jovem, ao lado de Tiago, o irmão de Jesus.

E, então, a maioria se levantou e arrastando Jesus pela ruelas de Nazaré, expulsaram-no para fora da cidade, ameaçando apedrejá-lo, a Ele e a seus discípulos.

Os irmãos de Jesus cruzavam os braços, envergonhados.

Maria, contudo, colocou-se ao lado de Jesus e o acompanhava, coração ferido de angústia.

— Mãe — disse-lhe Jesus, já fora de Nazaré e quando o ulular da multidão se acalmara

— Compreendamos a estes que não nos toleram, porque também a eles deverei dar-lhes um lugar em meu coração.

— Você sofre por amar, Filho! — respondeu-lhe Maria, ao envolvê-lo em sua ternura

— Talvez... eles não mereçam que você lhes indique o caminho da salvação!

O Senhor suspirou enternecido.

— Para esses, indicar-lhes o caminho do Mais Alto já não basta! Deverei, por isso, tangê-los quais ovelhas intranquilas e, ao tomar-lhes a alma, diante deles me caberá incliná-los à Boa Nova com exemplos de amor.

Maria o abraçou maternalmente.

— Volte, minha mãe, aos outros de seus filhos carentes, até a hora em que possamos unir-nos ao Pai Celestial.

Despediram-se em troca de carinho.

E Maria, qual serva que atende a seu Senhor, permaneceu na saída de Nazaré, enquanto Jesus, cercado por alguns de seus discípulos, caminhava na direção do sol poente.

A distância, Jesus voltou-se e acenou a Maria.

Ela, comprimindo com as mãos o próprio peito, o envolvia nas radiações sublimes de seu coração.

(*) - N.A. - Sobre os irmãos de Jesus, Marcos no capítulo seis, versículo três, refere textualmente a: "Tiago, José, Judas, Simão e suas irmãs".

25 EM FAMÍLIA

Maria, após ver Jesus confundir-se com o horizonte, voltou a seu lar em Nazaré.

— Ah! Maria! —explodiu Simão, um de seus familiares, assim que ela adentrou à casa

— Você só tem olhos para Jesus... quase nos ignorando! — A nós — reclamou Tiago, um outro de seus familiares —, você só reserva repreensões, exigindo-nos disciplina, através de trabalhos ásperos!

Maria os examinava contristada.

— A Jesus — falou ela — olho como serve! Embora tenha ele sido alguém que veio de meu ventre, ele é meu Senhor e Mestre! Que poderia eu oferecer à Fonte da Vida!

Ligeira pausa e complementou:

— Se nada tenho para oferecer àquele que é meu educador, com vocês eu tenho que exercitar o amor maternal, para fazê-los despertar para a verdadeira vida.

— No entanto — contraditou Judas, um outro de seus familiares — o seu protegido Jesus foi expulso da sinagoga de nossa cidade, por blasfêmias proferidas diante de todos os nossos irmãos de raça!

— E ser expulso da sinagoga — alertou outro deles, escandalizado — é ser posto fora da comunidade judaica!

— Essa é uma vergonha que a todos nós atingirá! E vamos sofrer escárnio... pelas loucuras e fantasias de Jesus!

— Se, ao menos, ele houvesse feito alguma cura!

Maria sentia-se, aturdida. Ela aspirou, repletando-se de resignação e, lágrimas a perolar-lhe os olhos, confessou:

— Jesus é Luz do Mundo! Se nós, seus parentes pelo laço de sangue, não pudermos dar-lhe suporte em missão tão ampla quanto espinhosa, que não se esperar daqueles que elegeram a ser seus inimigos, tão somente por terem seus interesses pessoais contrariados?

— Assim, almas queridas de minha alma, quero convidar a todos, a que nos entreguemos a uma oração reconfortadora.

E Maria, coração aberto para a Espiritualidade Superior, caindo de joelhos, em meio aos que a censuravam, murmurou:

— Pai Celestial! Abra-nos o entendimento para que saibamos refletir a Sua Augusta Vontade. E, se não pudermos ouvi-lo, no templo de nossos corações, por estarmos temporariamente imersos nas sombras da apreensão, abençoe-nos e perdoe-nos, agora e sempre!

Cerrando as pálpebras cansadas, a doce Mãe de Jesus o reviu, no silêncio de seu coração: "Guarda-se em paz, Mulher, diante da tempestade, que o Pai Celestial surgirá no horizonte de sua vida!"

E Maria, ainda em transe de amor, viu a mão de Jesus abençoá-la.

26 MUDANÇA

Miriam chegou nervosa e apreensiva.

Aproximou-se de Maria, a mãe de Jesus, e, meio constrangida, indagou, esfregando nervosamente as mãos.

— E verdade o que dizem, Maria? A interpelada a fitou carinhosa.

— E o que dizem, Miriam?

— Que... você vai de mudança para Cafarnaum! Eu não acredito... Mas... Maria, levando-a ao quarto íntimo, fê-la sentar-se na cama e procurou acalmá-la, envolvendo-a em seu colo maternal e, a seguir, confirmou:

— Sim, Miriam! Vou para Cafarnaum.

— Mas... toda a sua família está aqui em Nazaré! Vai deixá-los e deixar a mim também, em desamparo!

Maria tomou a mão de sua amiga.

— Os meus parentes, daqui de Nazaré, Miriam, já alcançaram a idade de ganhar experiências próprias neste mundo, sem a minha interferência! São adultos e devem aprender a cuidar de si, com liberdade para acertar ou errar.

E, voz embargada, completou:

— Entre todos, sei que meu Filho Jesus, chamado a servir este mundo, está próximo de grandes sofrimentos morais, parecendo-me um anjo que, vindo dos céus, não tem sequer uma pedra para repousar a cabeça.

— Mas... você me orientava na educação de minhas duas crianças, Maria! E você sabe que o mais novo, o Josué, sofre de ataques e de delírios!

E Miriam, com lágrimas nos olhos, completou:

— Vou sentir-me órfã! Órfã de seu coração... e entregue a mim mesma, Maria!

Maria sorriu, confortadora.

— Não lhe deixo órfã, Miriam, pois temos em Deus o nosso Pai comum. E, sob a proteção divina, você encontrará os caminhos da maturidade maternal! — E... o meu Josué? — insistiu Miriam, como querendo dissuadir Maria de transferir-se para Cafarnaum.

— O seu Josué, Miriam, antes de tudo é filho do Criador. E o Todo Misericordioso, melhor que eu, há de recobri-lo de misericórdia.

E, para dar mais segurança a Miriam, aditou:

— Pedirei a Jesus que interceda por Josué, já que o seu outro filho, Jairo, tem boa saúde e excelentes qualidades de coração.

Algumas semanas, mais tarde, a cidade de Cafarnaum recebia uma alma sublimada, engalanando-se espiritualmente com a chegada de Maria, naquela aldeia de pescadores. João, o jovem discípulo, veio recebê-la e, exultante, levou-a primeiramente à casa de seu pai, Zebedeu.

O velho pescador, assim que viu Maria, entrou em pranto convulsivo, pleno de felicidade e caiu aos pés da Mãe de Jesus.

— Levante-se, Zebedeu! — ordenou docemente Maria, tomando-o pelas mãos — Se quisermos servir com o Senhor, não façamos calos nos joelhos! Antes calejemos nossas mãos nas obras do eterno Bem, aceitando que esses são os legítimos sinais de nossa união com Jesus!

João, emotivo, estremecia no fundo d'alma.

27 DIÁLOGO SUBLIME

Caíra a noite em Cafarnaum.

Pescadores, na praia, aprestavam seus barcos para a pesca noturna, no lago de Genezaré, enquanto que em muitas casinhas singelas as candeias eram acesas.

Jesus adentrou o lar de Maria.

— Oh! Filho! — abraçou-o enternecida-mente aquela doce mulher — Estou a aguardar a sua presença!

João, o jovem discípulo, também entrou, beijando as mãos da Mãe de seu Mestre. Sentaram-se em torno de tosca mesa de madeira.

— Diga-me, mãe, o que se passa em seu coração! Vejo-a particularmente curiosa e aflita ao mesmo tempo.

Maria suspirou.

— Este nosso João — começou Maria — contou-me que, em certa noite, o sacerdote Nicodemos lhe buscou para esclarecer-se. E você lhe disse que, para estar com o Reino de Deus no coração, todos precisam renascer de novo! — Nicodemos, Maria, é um grande e amoroso coração. Contudo, por ficar escravizado às letras das Leis Divinas,

não se apercebera ainda que todos os espíritos que o Pai me confiou, neste mundo, estão inscritos na Lei da Reencarnação.

Ligeira pausa e voltou-se a seu discípulo, ali atento.

— Nosso jovem João, que aqui está, sabe, também, que reencontrei o profeta Elias no monte Tabor. E sabe que esse mesmo Elias, que viria adiante de mim, para ajustar os corações humanos para a mensagem da Boa Nova, nascera de Isabel, sua parenta, minha mãe.

— João... o precursor! — murmurou a mãe de Jesus e, pensando em voz alta, ponderou

— Estamos, então, hoje pagando nossos enganos de ontem!

Jesus a fitou, amoroso.

— Por muitos séculos, ainda, minha mãe, a linguagem humana, tão pobre de espírito, falará em pagamento e resgate, quando cogitar dos fenômenos reencarnatórios. Um dia, contudo, despertará para o Sol do Amor Divino, entendendo que o Pai Celestial não é um credor e que, por isso, nem cobra e nem pede resgastes a ninguém.

João estava encantado em participar daquele banquete de luzes, quando Maria indagou:

— Então, Josué, o filho de nossa querida Miriam, não tem crises impostas pelo Pai Divino?!

Jesus sorriu, carinhoso.

— Josué, o filho de Miriam, nas crises epiléticas tão somente revela que renasceu e trouxe do passado distante os seus companheiros espirituais que lhe partilhavam as quedas. E, juntos, crescerão para se tornarem livres de suas faltas de educação espiritual.

E, depois de ligeira pausa, complementou Jesus:

— Eles, no entanto, não estão pagando ao Pai Celestial as moedas de sofrimento, minha mãe! Estão, isto sim, num longo processo de reajuste e de libertação, para se desligarem dos cadáveres de suas vidas pretéritas.

Maria estava atônita.

— Então... não há cobranças... não há iras divina... não há castigos impostos... não há pagamentos... não há o que pagar ao nosso Pai Celestial?! — Cada um, minha mãe, cobra-se de si mesmo um clima mental que o leve a abrir o coração para ali instalar o Reino dos Céus.

— E Miriam... que tanto sofre?! Jesus, passando as mãos sobre os cabelos sedosos de sua mãe, respondeu-lhe:

— Miriam, como todas as mulheres, foi chamada por Deus para colaborar na obra divina da espiritualização, a fim de aprender a executar a Lei do Amor!

E, após alguns segundos, Jesus ponderou:

— Veja que Miriam, minha mãe, recebe do filho Jairo o reforço de ânimo, enquanto que o filho Josué lhe busca, no coração, a seu próprio modo, a fonte de energias sublimadas para despertar no campo do Bem!

— Então... se ela permanecer fiel à sua missão maternal, ela crescerá em espírito... e verá seus filhos também crescerem na direção do Pai Celestial! — Essa é a Lei do Amor

— confirmou Jesus, mais uma vez — O amor, Maria, é o manto celestial que nos recobre as chagas da alma e nos amadurece para que nos transfiguremos em agentes de Deus, onde quer que estejamos.

Caiu o silêncio entre eles, abrindo as portas da meditação.

O jovem João, profundamente tocado pelo diálogo sublime, só sabia abrir a própria alma e elevar-se ao Pai Celestial, em prece silenciosa, repassada de lágrimas emotivas.

28 REDENÇÃO

A noite descera em toda a Galiléia.

Maria, após extasiar-se diante do céu salpicado de estrelas, naqueles momentos de serenidade, buscou o leito para o repouso necessário, já que estivera partilhando das pregações de seu Filho, Jesus, nas cercanias de Cafarnaum.

Recostou-se ao travesseiro.

E, enquanto elevava seus pensamentos de gratidão ao Mais Alto, como que ouvia súplicas de Miriam, endereçadas a seu coração.

Relutou, algo apreensiva, mas o sono a venceu.

Miriam, aflita, banhava-se em lágrimas, diante de seu filho Josué que estertorava no chão, boca espumando, rilhando os dentes, olhos inquietos.

— Oh! Deus! — chorava Miriam, em Nazaré — Ampare-me, para que saiam desta casa e do corpo de meu Josué, os espíritos perversos que perseguem a meu filho!

E, sentindo-se impotente, evocou:

— Oh! Maria! onde você estiver, ouça-me e ajude-me!

Uma neblina tênue, subitamente como que atravessou a madeira da porta daquele lar e, em se condensando em massa brilhante, esplendia em faíscas douradas e prateadas.

E, diante da atônita Miriam, na neblina forma-se um coração que, em seguida, se transfigura na Mãe de Jesus.

— Maria! — sussurrou Miriam, prostrando-se ao chão — Você em meu lar!

Maria, com naturalidade, aproximou-se da amiga.

— Miriam — rogou-lhe a sublime mãe — Sinta-se ditosa, porque o Pai Celestial, em conhecendo o tesouro de amor de seu coração, confiou-lhe um de seus filhos, a fim de que você o reerga, sem desespero, nos quadros da Vida! — Oh! Maria! Ajude-me, então, a afastar de Josué esses espíritos que o atormentam e que o fazem entrar em convulsão! A Mãe de Jesus, num tom de ternura, assegurou:

— Não rejeite os antigos comparsas de Josué, porque estamos diante de um quadro de muitas dores reunidas. E, se Josué é carente de amor, seus credores de afeto o são também.

— Que faço, Maria?!

— Jesus recomenda-lhe, Miriam, que você ame intensamente a seu filho enfermo. Mas recubra, com o mesmo amor, a todos aqueles que se associam ao rebento de seu coração, nas empreitadas das Sombras.

Miriam já se acalmara.

— Estenda as suas mãos sobre Josué, Miriam, lembrando-se de que as bênçãos divinas derramadas sobre ele deverão igualmente envolver os que coabitam a intimidade de seu filho!

Miriam, subordinando-se ao conselho maternal de Maria, fechou os olhos e, postando as suas mãos sobre a cabeça de Josué, rogou ao Senhor da Misericórdia, socorro para todos e, aos poucos, sentiu-se, então, banhada em fluidos sublimes.

Quando abriu os olhos, buscou Maria à sua volta e não a encontrou mais. Sentiu, contudo, uma onda envolvente de perfume de rosas e seu corpo todo estava mergulhado naquela essência sublime.

— Bendita seja você, Maria!

E Josué, adormecido e sereno, em seus braços maternos, parecia-lhe uma porta aberta ao Infinito.

Em Cafarnaum, Maria despertou com a doce sensação de que revira Miriam e com ela se enlaçara, num momento de redenção de muitas almas agrilhoadas à dor.

E voltou seus olhos aos Benfeitores Celestiais.

29 SERVIDORAS DE JESUS

A multidão veio ao encontro de Jesus, naquela manhã de sol ameno, na vila de Tiberíades. Eram criaturas ansiosas, sedentas de consolação e desejosas de mais notícias sobre o Reino dos Céus.

Cercavam e pediam amparo e socorro às suas dores.

Maria, Mãe de Jesus, após ouvi-lo e vê-lo repleto de atenções aos mais carentes e desvalidos, tomou o rumo de uma das ruas da vila pacata.

Entrou em casa singela.

— Então? — indagou Suzana, jovem amável — A multidão segue o nosso Mestre?

— E por que não, Suzana, se Jesus é um rastro de luz e fonte do amor eterno?! —

prorrompeu Maria Madalena que se encontrava às voltas com a limpeza da casa, onde albergavam o Senhor. A mãe de Jesus sorriu, ponderando:

— Jesus, acima de tudo, é amor e vida! E, talvez por tantos cuidados com as coisas do Pai Celestial, esquece-se de si mesmo, avançando no tempo, curando leprosos, amparando viúvas, acolhendo crianças ao encontro de seu coração! — Nós temos... que dele cuidar, já que ele se esquece de si mesmo! — aditou Madalena.

Joana de Cuza suspirou.

— Quem sabe um dia — sonhava Joana — meu marido se distancie um tanto mais do palácio de Herodes e, também, venha a servir comigo Aquele que traz a palavra da Vida Eterna!

A mãe de Jesus, que bem conhecia os sacrifícios de Joana, por ela se ter inclinado a servir a seu Filho Jesus contrariando o esposo que era procurador do Rei Herodes, procurou confortá-la:

— Seu companheiro, Joana, ainda está confundido com os valores deste mundo.

Equivocado, temporariamente, ele disputa as posições de saliência no palácio de Herodes e, por isso, talvez enceguedo pela ambição de mando, faz-se escravo do Rei! Joana sorriu, contristada.

— Ele... não aceita Jesus! — afirmou Joana — Chega até a temê-lo e, por vezes, me censura asperamente, dizendo que eu comprometo o seu bom nome como procurador do Rei Herodes, dentro do palácio!

A mãe de Jesus procurou confortá-la:

— Sejamos pacientes, Joana! E difícil, a quem serve a Herodes, aceitar de servir alguém que nasceu numa estrebaria e que teve por primeiro leito uma manjedoura. Sei, no entanto, que o seu esposo, em algum momento de sua agitada vida, também se aliará a nós, colocando-se a serviço da Boa Nova!

— Tenho, também contra mim, meu pequeno filho, Maria!

Maria Madalena, humilde, ponderou:

— Veja-me, Joana! Levei uma existência condenável, entregue às paixões avassaladoras, por encontrar-me em batalha contra as Sombras que me assaltavam os sentimentos! E, quando tudo me parecia ser apenas descida para as trevas, eis que o Senhor me resgatou dos torvelinhos das paixões!

Joana baixou os olhos úmidos de lágrimas.

— Ânimo, Joana! — confortou-a Madalena — Se estamos a serviço do Mestre, não esqueçamos que, no tempo justo, a mão do Senhor retirará seu esposo do vale dos valores passageiros deste mundo!

Suzana colocou a mão sobre os ombros de Joana, querendo retemperar-lhe o espírito:

— Vamos, Joana! Sorria, com a paz em seu coração! O próprio Jesus nos tem repetido, quase todos os dias, que cada coração tem o seu próprio dia para abrir-se ao sol de uma nova aurora!

A mãe de Jesus ponderou:

— Não há noite espiritual que se eternize nos corações, Joana! Podemos, todos nós, sentir-nos ditosos por estarmos servindo antecipadamente a Jesus! E devemos, por isso, suportar as contrariedades de nossa escolha e alimentar-nos da certeza de cada coração virá, a seu tempo justo, unir-se ao coração benevolente do Filho do Pai Altíssimo!

Madalena, tocada de amor, complementou:

— Não se esqueça, Joana, que a nossa Maria, mãe de nosso Mestre, tem, em outros parentes dela, que ela acolhe como filhos de seu coração, espinhos envenenados por ciúmes. Maria sorriu, suspirando.

— Filhas, mesmo entre lágrimas, prossigamos servindo, para que o Reino dos Céus se instale em nossas almas, já que a Boa Nova é a mensagem definitiva em nossas vidas e Jesus é o nosso Sublime Pastor, descido do Mais Alto, para chamar-nos ao sacerdócio da ternura.

E aquelas mulheres, e muitas outras, eram servidoras do Senhor!

30 MINHA MÃE

Eram as primeiras horas do dia.

As ruas de Cafarnaum, de súbito, foram tomadas por uma multidão de criaturas vindas de todas as partes da Galiléia, com olhos reluzindo e plenos de esperanças.

Tomavam o rumo do grande galpão que Josué, o comerciante, cedera gratuitamente aos discípulos de Jesus, para que ali o Mestre distribuísse as palavras de vida eterna.

O Senhor chegou com seus discípulos.

Abriram-lhe passagem e, entre os que ali se postavam esperançosos, muitos lhe tocavam na túnica, enquanto outros lhe endereçavam pedidos de amparo e consolação.

Simão Pedro e os demais discípulos do Mestre desdobravam-se em ordenar a aglomeração, cuidando para que todos fossem ouvidos e amparados, como desejava o Senhor.

Jesus colocou-se no centro do galpão.

E, quando o Mestre ergueu os olhos, na direção do Mais Alto, suplicando ao Pai Celestial a favor de todos, estabeleceu-se um grande e sereno silêncio, entrecortado por alguns soluços dos que sentiam fome de esperança.

Na casa de Maria chegaram os parentes de Jesus, irmãos e irmãs, vindos de Nazaré. A Senhora admirou-se.

— Quem buscam aqui em Cafarnaum? — ela indagou, algo apreensiva ao vê-los de fisionomias sombrias — Visitam-me?

— Não, Maria! — respondeu quase agressivo Tiago, um de seus parentes — Estamos em busca de seu Filho, Jesus!

— Sabemos, pelo que ouvimos em Nazaré e pelo que se diz em Jerusalém e por toda a parte, que seu Filho, Jesus, está louco!

— Queremos prendê-lo — aditou uma das irmãs — Queremos prendê-lo, para que não sejamos mais molestados pelos sacerdotes do templo, tão só por um louco pregar contra as coisas de nossa raça!

Maria estremeceu, temerosa.

— Jesus é a expressão do amor divino, queridos! — contrapôs Maria — E Jesus, por onde vai e onde está, é toda a última esperança dos desvalidos da sorte e de muitos dos doentes!

— Isso é o que você pensa, Maria! Seu coração está perturbado, tão só porque Jesus é seguido por pessoas crédulas e tolas, que o tomam um profeta! — Se você ama a seu Filho — exclamou outro de seus parentes — venha conosco, antes que os agentes do Sinédrio lhe botem as mãos, fazendo descer a desgraça em todas as nossas casas! A Senhora sentiu o coração aos saltos.

Sabia estar diante de parentes que rejeitavam Jesus como o Cristo e não lhe entendiam a missão redentora e que, por isso, se faziam porta-vozes das Sombras espirituais.

Ela, então, cerrou as pálpebras, orando em silêncio e, no fundo de sua alma, ouviu a voz do Senhor que lhe repetia:

— "Maria, amemos aos que se confundem, tornando-se inimigos da Luz. E indispensável que se faça o Bem aos que nos querem Mal. Bendigamos, pois, aos que nos maldizem e oremos por todos os que nos perseguem e caluniam". A Senhora rendeu-se de joelhos, diante de seus espantados parentes e, ainda no silêncio de seu coração, prosseguiu ouvindo Jesus:

— "Se só amarmos os que nos amam, Maria, que valor terá esse amor egoístico? E se fizermos o Bem só aos que nos fazem o Bem, onde estará a nossa virtude?"

E Maria, erguendo-se diante de sua parentela, em voz mansa e doce, assegurou:

— Irei, com vocês, até onde está Jesus!

Maria e seus parentes chegaram ao galpão de Josué, parando do lado de fora, diante da multidão que tomava todos os espaços.

— Chamem Jesus! — ordenou um dos familiares de Maria — E digam-lhe que aqui fora está a mãe dele e seus irmãos, e que viemos buscá-lo!

Houve um burburinho.

O pedido, passado de boca-em-boca, chegou até Jesus, que se encontrava no centro daquela multidão.

— Sua mãe e seus irmãos o procuram, Senhor!

Jesus, sereno, derramou o seu compassivo olhar aos que o cercavam naquela hora e, erguendo a voz, indagou:

— Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?

Simão Pedro estremeceu. João, próximo de Jesus, fitou enternecido a Maria.

E Jesus, repassando o seu olhar sobre todos que ali se acotovelavam, assegurou:

— Eis que em vocês tenho a minha mãe e os meus irmãos! Saibam que somente aqueles que fazem a vontade de Deus, terão comigo parte, porque esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe! E, após ligeira pausa, completou:

— Os laços de sangue criam a parentela do corpo. Mas, esses laços serão bem frágeis se, ao mesmo tempo, não criarem a família espiritual.

E, após ligeira pausa, prosseguiu:

— O ter nascido, no mesmo lar, não nos faz irmãos em espírito! E, na verdade, somente os laços do amor nos unem, formando a parentela pela afinidade da alma!

Voltando-se para Maria, que se destacava na multidão, faces banhadas em lágrimas, asseverou:

— Você, Maria, é meu anjo tutelar!

Uma mulher, no meio do povo, profundamente tocada no coração, levantou-se e, em tom decisivo e forte, disse a Jesus:

— Bem-aventurado é o ventre que lhe carregou, Senhor! E bem-aventurado são os seios que lhe amamentaram!

Jesus, contudo, apercebendo-se do veneno que se contém no elogio pessoal, que poderia transformar-se em perigoso corrosivo nas obras santificadas, respondeu firme:

— Digamos, isto sim, que bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a colocam em prática, no dia a dia, já que somente assim haverá o dom divino, na humildade de seus corações.

Maria quis chamá-los de retorno, quando a mão do jovem João, discípulo bem amado pelo Mestre, repousou sobre o ombro esquerdo da Senhora, como a acalantar-lhe o coração.

— Voltemos para a sua casa, Senhora!

E Maria, jubilosa e em silêncio, deixou-se conduzir por João.

Após alguns passos, humilde e branda, assegurou:

— Também estes, que hoje queriam sufocar o Senhor, um dia virão a ter momentos de Luz, sob as bênçãos do Pai Celestial e, como Jesus, serão filhos de meu coração!

31 PRISÃO DE JESUS

É madrugada em Jerusalém.

João, o jovem discípulo de Jesus, esgueirava-se pelas ruas da cidade, buscando confundir-se com as sombras, evitando pessoas e, principalmente, aos guardas do templo.

Alcançou o arrabalde e, após observar que estava só, bateu de leve na porta da casa de Maria de Marcos e, quase em seguida, foi acolhido.

— Que surpresa é esta, João?! — indagou Maria de Marcos — Aconteceu alguma coisa?

João baixou a cabeça, indagando:

— A... mãe de Jesus está?

— Sim! João! Estávamos orando na sala dos fundos, já que ela se sentia apreensiva... sem saber por quê!

— Vamos até ela! — suplicou João.

E, juntos, adentraram ao compartimento onde a mãe de Jesus, com a mão direita sobre o próprio peito, parecia recolher sinais de seu coração.

Ela ficou pálida, diante de João.

— A senhora sabe... — balbuciou João — Ao vê-la... sei que a Senhora já sabe! Venho, pois, dizer-lhe que seu Filho Jesus, meu Mestre, foi preso no Jardim de Getsêmani, pelos guardas do templo!

Maria sufocou doloroso soluço.

— Perdoe-me, Senhora, por eu ser o portador de tão dolorosa notícia — rogou João, pondo-se aos pés de Maria.

— Você estava lá, João? — indagou Maria de Marcos — E conseguiu escapar da guarda?!

João suspirou, humilde.

— Ocorre, minha amiga, que assim que foi manietado pelos guardas, Jesus lhes disse que já que era a Ele que buscavam, que deixassem ir os seus discípulos!

Ligeira pausa e complementou:

— O próprio Mestre, tendo autoridade sobre nós, os seus discípulos, e parecendo ter autoridade sobre os próprios guardas, nos despediu, afirmando que a profecia anunciava que nenhum de nós, os seus discípulos, se perderiam!

A mãe de Jesus suspirou:

— Isso é bem dele, João! O domínio das situações e o conhecimento dos corações de todas as pessoas... e subordinação à vontade do Pai Celestial Maria de Marcos procurou consolá-la:

— Quem sabe, Maria, desfeito o equívoco, já que Jesus não é nenhum delinquente, soltem o nosso amado Nazareno!

João sacudiu negativamente a cabeça.

— Pouco tempo antes, Maria — esclareceu João — Jesus nos havia dito que a hora de seu sacrifício era chegada e que cada um de nós, seus servidores, deveríamos deixá-lo... seríamos dispersados... e cada um deveria voltar-se para a sua casa interior, já que Ele não estava só, porque o Pai Celestial estava com Ele! João chorava sobre o colo da Mãe de Jesus e ela, num gesto de excelso amor e submissão, acariciou os cabelos dele.

— Acalme-se, João! Sei que, a partir deste instante, meu coração estará chorando por Jesus! Contudo, sei que Ele me quer as demonstrações do legítimo amor maternal, sem que eu me interne na desesperação desequilibrante. — E...não poderia ser eu... ou um outro dos seguidores, a ser preso?! — protestou João, num arroubo.

— E por que, João? — interrompeu a Mãe de Jesus — Porventura uma outra mãe não sofreria também?

— Ele... foi aprisionado, sem ter culpa! — exclamou Maria de Marcos — Que fez Ele, a não ser oferecer amparo e consolo aos aflitos e a indicar-nos, a todos, o caminho que nos eleva espiritualmente?

— E já que não cometeu crime algum — ponderou a Mãe de Jesus — é um inocente que se oferece, como ovelha mansa e pacífica, ao altar do sacrifício, sem ter do que se condenar!

A Mãe de Jesus levantou-se.

— Tragam-me todas as notícias, João! Aqui ficarei... orando!

— Orarei, também, por Jesus! — ofereceu-se Maria de Marcos.

A Mãe de Jesus fitou-a, enternecida.

— Não, minha amiga! — assegurou a Mãe de Jesus — Oremos, antes, pelos algozes de meu Filho, já que eles estão de coração mergulhado nas sombras e são mais necessitados de nossas preces, enquanto que Jesus se glorifica em sua missão consoladora!

João, levantando-se, beijou as mãos da Mãe de Jesus e, olhando triste a Maria de Marcos, assegurou:

— Permaneçam aqui! Vou trazer-lhes notícias sobre a dor que nos aflige!

32 O JULGAMENTO

João, o discípulo muito amado, acompanhado de Maria de Marcos, traz a mãe de Jesus para junto da multidão.

— Você sofrerá ainda mais! — advertiu-a João, querendo poupá-la de outras lágrimas
— Estamos diante de pessoas que só têm olhos para os seus próprios interesses pessoais!

A mãe de Jesus olhou à sua volta.

— Onde estão os que se beneficiaram com o amparo que lhes ofereceu meu Filho?! Só muito de longe vejo alguns, calados, a assistir ao julgamento injusto! A multidão, intranquila e inconsequente, ululava.

Pilatos fez trazer Jesus, diante do povo agitado pelos sacerdotes do templo e, ao mesmo tempo, mandou trazerem o preso chamado Barrabás.

Maria espantou-se, ao ver Barrabás.

Sentiu, contudo, à distância, o olhar sereno de Jesus a penetrar-lhe o fundo d'alma, balsamizando-lhe a dor naquele momento decisivo.

Vê que seu Filho está maltratado!

Pilatos, pálido e temente, recordando-se que a sua mulher o advertira de que ele nada tinha a ver com aquele Justo, mas que sofrera muito, em suas visões, por causa de Jesus, ergueu a voz, tremula, nervosa:

— Neste dia solene, como Governador que sou, liberto para vocês o encarcerado que vocês queiram!

E Pilatos mandou vir Barrabás.

— Eis um dos presos — apontou Pilatos — É um perigoso desordeiro! Mandou, então, Pilatos que se colocasse Barrabás, lado a lado com Jesus. Maria estremeceu.

Vendo aquele homem, lembrou-se de que, um dia, Barrabás fora conduzido a seu lar pelas mãos de Jesus.

Barrabás, por sua vez, reconheceu Jesus.

Baixou a cabeça, comovido, já que em toda a sua existência tumultuada, guardava em seu coração a lembrança do jovem de Nazaré, que lhe dera abrigo.

Pilatos, naquele momento, solenemente perguntou ao povo:

— A quem vocês querem que eu solte: a Barrabás, um malfeitor conhecido, ou a Jesus, chamado o Cristo?

Houve, então, um segundo de silêncio.

Os sacerdotes, diante da hesitação, passaram a envenenar a multidão assegurando-lhes que Jesus seria a perdição de Israel.

Bastou isso e a multidão desajustada, bradou:

— Solte Barrabás! Solte Barrabás! Pilatos empalideceu ainda mais. Maria, agoniada, a tudo acompanhava em silêncio... um silêncio banhado de lágrimas e de dores maternas!

E libertaram Barrabás..

O famoso preso, de pronto, atravessou entre a multidão, aplaudido pela leviandade de muitos que ali se postavam e, acercando-se de Maria, toma-lhe as mãos e as beija:

— Perdoe-me, Senhora!

A multidão voltou-se, outra vez, à cena do julgamento.

— Que farei de Jesus, que se chama Cristo? — indagou Pilatos à multidão intranquila

— Que farei com este, em quem não encontrei erro algum?! — Que seja crucificado! — foi o grito unânime, comandado pelos sacerdotes — Que seja crucificado!

Pilatos, suando frio, ainda perguntou:

— Mas... que mal fez este Jesus?!

A multidão, porém, gritava ainda mais:

— Que seja crucificado!

Pilatos, assaltado pelos seus próprios temores, receando as tramas palacianas e o poder de influência dos judeus junto a César, despreocupando-se de seus deveres e de sua própria responsabilidade de governador, entregou Jesus para ser crucificado.

João, o discípulo, lendo nos olhos de seu Mestre a mensagem de prudência, tomou Maria em seus braços, afastando-a da multidão enlouquecida.

33 A CAMINHO DO CALVÁRIO

Jesus atravessou as cercanias de Jerusalém, na direção do Calvário. Após Ele, vinham Madalena, Joana de Cuza, Suzana e outras mulheres em lágrimas silenciosas, ladeando Maria de Nazaré.

João, o apóstolo, apoiava a mãe de Jesus que, em soluços contidos, se mantinha em estado de profunda oração, erguendo seus olhos marejados ao Infinito.

Um outro grupo de mulheres, destacando-se da multidão atribulada e enlouquecida, traziam seus filhinhos e os mostrava ao Mestre, caindo em pranto e lamentações.

— Filhas de Jerusalém! Não chorem por mim, que faço a vontade de meu Pai, trazendo-lhes novas luzes para este mundo. Antes, chorem por vocês mesmas e por seus filhos, ante o porvir de dores redentoras!

E, após uma pausa, o Senhor olhando a João e às mulheres que o seguiam, disse-lhes:

— Se com o lenho verde, os homens fazem o que estão fazendo, o que não farão esses mesmos homens com o lenho seco da videira da Vida?

Suzana estremeceu no fundo d'alma. E, próxima da Mãe de Jesus, indagou:

— Maria... que fala nosso Mestre e Senhor?

A Senhora, coração trespassado de dor, voltou-se à sua companheira de tarefas redentoras, junto de Jesus, dizendo-lhe:

— Suzana, você sabe que todas nós que servimos a Jesus, sabemos que Ele é a videira eterna e que nos trouxe a seiva divina do amor. No entanto, em retribuição ao seu amor, o mundo oferece-lhe apenas a cruz do sacrifício.

Suzana, muito sensível, soluçou.

— Vendo-nos — prosseguiu a Mãe de Jesus — como galhos secos na árvore da Vida, Ele nos alerta de que necessitamos de reparações e corrigendas, para ajustar-nos ao caminho do Amor.

João, atento, adicionou, após a pausa de Maria:

— Irmãs, também teremos as nossas cruzes! Deveremos prosseguir servindo ao mundo, sem exigir que nos aceitem e nos compreendam!

Maria, sofrida, mas resignada, destacou:

— Carregaremos, como faz meu Filho, as nossas cruzes! Ele, contudo, carrega a dele, para dar-nos seu exemplo imorredouro. E nós carregaremos as nossas, buscando a nossa própria redenção.

Madalena, olhos injetados pelo pranto discreto e contido à custa de muito esforço, ponderou:

— Somos convocadas aos processos de educação de nossos sentimentos, Suzana!

E a Mãe de Jesus fez um sinal afirmativo, detalhando:

— Não temamos o amanhã, queridas amigas de meu coração. Sei que todas estaremos sob o resguardo da Lei do Amor, que nos convoca, com sabedoria e compaixão, ao nosso crescimento espiritual.

Joana de Cuza aditou:

— Toda mãe fará o caminho de seu próprio Calvário, oferecendo-se em testemunho e sacrifício aos filhos extraviados nos caminhos do mundo! Maria baixou os olhos, ferida no fundo de seu coração, ao ver os soldados crucificarem seu Filho e levantarem a cruz contra o azul do Céu.

— Entre... a Terra e os Céus! — exclamou João, num soluço de compaixão — Expulsam-no da Terra, mas o Pai Celestial há de devolvê-lo a nós, que temos sede e fome de seu amor divino!

Maria contemplou Jesus, entre a cortina suas lágrimas de amor e resignação.

34 RESIGNAÇÃO MATERNAL

No Calvário, aos pés da cruz em que Jesus como que abria os braços na direção dos Céus, Maria apercebeu-se que, com seus olhos plenos de compaixão, Jesus olhava a seus algozes e clamou:

— Pai, perdoa-lhes, porque estes que aqui estão não sabem o que fazem a si próprios, nesta hora! Se soubessem das consequências de seus atos, sei que não fariam o que fazem!

Maria, nesse instante, ouviu gemidos de dor.

Olhou à sua volta, vendo aproximar-se dos pés da Cruz de seu Filho, um jovem de olhos esbugalhados, desvairado em si mesmo.

O jovem fitou Maria.

Após, num impulso súbito, o estranho visitante, entre grunhidos e soluços, atirou-se aos pés da cruz, abraçando-se ao madeiro seco.

— Salve-me, Senhor! — bradava, espumando pela boca.

E, caindo ao chão, em crise epilética, estertorava e lacrimejava, dizendo:

— Você, Divino Crucificado... era minha última esperança!

Maria, incontinentemente, avançou na direção do jovem e, tendo a João a seu lado, recolheu a cabeça do infeliz em seu colo, num gesto de infinito amor maternal.

— Ajude-me! — clamava o maltrapilho, sujo e angustiado jovem — Retire-me das Sombras espirituais que me enlouquecem!

E, de uma das mãos cravejadas de Jesus, desprenderam-se duas gotas de sangue que caíram sobre a fronte do lunático que se encontrava nos braços de Maria.

— Oh! Senhor! — chorou o jovem, no colo de Maria — Seu Augusto Filho se apiedou de mim!

E, Maria comovida, sentiu que o lunático se recompunha e se erguia, liberto das trevas dolorosas em que estivera mergulhado.

— Filho! — disse Maria ao jovem que se punha em pé — Só posso repetir-lhe, nesta hora, o que Jesus sempre nos dizia, após nos trazer à Luz de um novo estado d'alma: "Vá e não erre mais!"

João estava comovido. O ex-lunático, olhando a Jesus, na cruz, voltou-se a Maria, grato e temente:

— Acaba...aqui, o Cristo?! Maria, segura, esclareceu-o:

— Não, meu caro! Aqui, neste Calvário, somos herdeiros de Jesus... e em nome do Bem, deveremos soerguer-nos com a legenda do amor em nossos atos, a benefício da obra que meu Filho instalou na Terra e no coração de todos os homens de boa vontade de ânimo inquebrantável!

Os verde-azuis olhos de Maria recobriram-se de lágrimas de resignação e de profundo amor.

35 AO PÉ DA CRUZ

Os soldados sentaram-se, não muito distantes da Cruz em que Jesus se encontrava agonizante, e montaram guarda.

Maria tinha o coração assaltado pela dor pungente.

A seu lado as outras mulheres e, também, João que lhe fazia companhia, lembrando os seus amigos de discipulado que haviam desertado covardemente e, tendo próximo de si o ex-lunático.

Um grupo de homens debochados aproximou-se.

— Ei... você! — gritou um deles, impiedoso — Se você destrói o templo e torna a levantá-lo em três dias, salve agora a você mesmo! — terminou em impiedosa gargalhada.

O companheiro, frio e mordaz, inteirou:

— Se você é realmente o Filho de Deus, desça dessa cruz e saia andando entre nós.

Aquelas ofensas torturavam o coração de Maria.

— Não se importe, Senhora — diz-lhe o ex-lunático — Esses, que gritam blasfêmias a seu Filho, são mais loucos do que eu era!

E, mal terminou de anunciar tal pensamento, eis que um grupo de sacerdotes se aproximou da Cruz.

— Você diz que salvou os outros! — gritou irônico o sacerdote — Então, salve-se a si

mesmo.

Um outro deles, trovejou:

— Se você é o Rei de Israel, desça dessa cruz e acreditaremos em você! — terminou, em gargalhadas.

E um novo insulto saiu pelos ares:

— Se você confiou em Deus, onde está ele que não o liberta agora, Nazareno?

Ou será que o seu Deus não lhe quer bem!

Maria tapava os ouvidos com as mãos e, mesmo assim, cada blasfêmia proferida diante de seu Filho agonizante, lancetava-lhe o coração maternal. — Loucos! Loucos — saiu gritando o ex-lunático, avançando contra os sarcásticos sacerdotes — Não sabem, acaso, que ferem esta Mãe que me amparou?

João o conteve.

Maria, receando pela vida do jovem que tinha sido curado com as gotas de sangue de seu Filho, procurou tranquilizá-lo:

— Os insultos atirados contra meu Filho, não me ferem — falou ao ex-lunático —

Acalme-se e aprenda, desde já, a suportar as investidas das sombras que querem o nosso desequilíbrio!

— Mas... Senhora!

— Rogo-lhe, meu jovem, que busque compreender que devemos perdoar os que nos ofendem e devemos orar em favor dos que não nos querem bem! Além disso, esses que hoje blasfemam contra o Príncipe da Paz, amanhã se renderão às luzes do amor, tal qual lhe ocorreu aos pés da Cruz!

Sobreveio grande calma.

Maria e João, seguidos das outras servidoras do Mestre, que ali permaneciam fiéis e destemerosas, acercaram-se mais ainda ao pé da Cruz. Jesus, ao ver a sua mãe, e perto dela a João, o discípulo a quem Ele amava, disse:

— Mãe, eis aí seu filho!

E, voltando Jesus seus olhos para João, declara-lhe:

— João, eis aí a sua mãe!

Jesus inspirou profundamente e, olhando na direção do Mais Alto, balbuciou:

— Pai... em suas mãos me entrego!

Maria soluçou, agoniada, chorando nos braços de João que passava, a partir daquele instante doloroso, a ser o filho de seu coração.

36 INQUIETAÇÃO

Maria buscou o repouso da noite.

Algo inquieta, relembrava os ensinamentos de Jesus, onde a brandura, a fraternidade, a humildade eram o tempero da caridade legítima, fermentos espirituais do crescimento da alma.

Suspirou dolorosamente.

Os discípulos de seu Filho, após o ressurgimento do Senhor, deixando o túmulo vazio, já se haviam espalhado pelo mundo, mas deles recebia notícias de lutas intensas, de conflitos dolorosos, de crises!

— Oh! Filho! — remoia em seus pensamentos, temperados de algumas desilusões.

— Mal você cerrou os olhos a este mundo, e vejo, neste meu abrigo, a minha parentela se degladiar... cada um buscando mais saliência que os demais! Lágrimas desciam-lhe pelas faces.

— Onde teremos deixado o amor, uns pelos outros, que você tanto nos ensinou?! Quem, entre estes de meu sangue, aceitariam cingir-se com a toalha do servidor e lavar os pés uns dos outros?!

E Maria adormeceu soluçando.

O sol, do novo dia destacou-se no crescente, com raios pálidos e reconfortantes.

A irmã de Maria adentrou-lhe o dormitório.

— Maria, você tem uma visita!

Maria, sentando-se ao leito, recompôs-se e, embora com as marcas de inquietação de sua fisionomia, colocou-se em pé.

Na sala, defrontou-se com João.

O apóstolo, muito amado por Jesus, envolveu-a num quente abraço fraternal, chorando ambos, um no ombro do outro, a trocar doces recordações.

Sentaram-se, lado a lado.

— Vejo-a pálida, minha Senhora! — confidenciou João, a baixa voz — Alguma coisa lhe traz inquieta e apreensiva!

E Maria, para não fermentar o clima de desconforto de sua parentela, tomou a mão de João e, juntos, saíram pela ruas, em passeio silencioso.

— Você voltou, filho de meu coração! — explodiu Maria, sem conter suas lágrimas de saudade.

— Vim buscá-la! — afirmou João.

— Buscar-me?!

João, parando diante do cenário singelo da região, fitou-a tão profundamente que Maria se sentiu examinada por dentro de sua intimidade e, assim baixou a cabeça, num gesto de humilde ternura.

— Avalio, Senhora, seu sofrimento, junto de sua parentela! Querem guardar-lhe para eles, qual se você lhes representasse a segurança de uma nova aristocracia espiritual que pretendem erguer, fundados em você ter sido a Mãe de Nosso Senhor!

A doce Mãe de Jesus estremeceu.

— Tenho sobrevivido de lembranças, João — ela confessou e complementou

— De lembranças de Jesus e de profundas inquietações pelo rumo dos acontecimentos que envolvem a herança da Boa Nova.

— Vim lhe buscar, Maria! — reafirmou João.

Ela estremeceu, recordando esperanças em alma sensível.

— Em Éfeso, Maria — esclareceu João — temos uma singela casinha, onde você poderá sentir a paz da consciência, na realização de seus deveres de fidelidade à Boa Nova!

* * * * *

Semanas depois, João conduzindo a Maria de Nazaré, na posição de um filho que ampara a própria mãe, chegaram a um cabo formado de rochas elevadas.

Estavam em Éfeso!

No alto, casinha modesta.

Abaixo, o mar a lavar, com suas ondas, a praia e as pedras, num som harmonioso e envolvente.

Subiram as escarpas.

E Maria, parando à porta da singela vivenda, repletou-se de natural alegria, como se estivesse reencontrado a razão de viver!

— Eis seu novo lar, Senhora! — disse-lhe João — E, aqui, você terá seu ninho, não só de recordações, mas também distante dos embates vãos e perniciosos, daqueles que querem se servir de Jesus.

Após ligeira pausa, João inteirou:

— Esta será a sua oficina de amor!

— Ficaremos juntos? — indagou Maria, num sorriso feliz.

— Não, Maria! Ficaremos unidos, mas não juntos, já que a Boa Nova me requer a presença na Grécia, num agrupamento florescente do Cristianismo!

Beijaram-se, mãe e filho.

E, poucos dias depois, já instalada na casinha humilde, Maria, à porta da vivenda, erguia a mão, numa despedida a João.

— Jesus lhe ampare! — ela sussurrou amorosa — Jesus lhe inspire! E João, descendo o promontório, despedia-se da mãe de seu coração.

37 O VISITANTE

Eram as primeiras horas da noite.

Arfando, ao subir pela escarpada trilha, aquele homem de cabelos desgrenhados, sobrancelhas espessas e pele curtida pelo sol, apertava a túnica contra o corpo querendo proteger-se do vento frio e úmido que nele se esbatia, vindo do Mar Egeu.

Deu mais alguns passos, trôpego.

Sentou-se sobre uma pedra do caminho e recobriu-se ainda mais, medindo com os olhos a distância a vencer.

— E a Casa da Santíssima! — resmungou em baixa voz.

Levantou-se aturdido quase como um ébrio prestes a estatelar-se sobre a trilha íngreme e, arfando, prosseguiu na penosa caminhada, num supremo esforço de passo a passo.

Parou diante da casa singela.

De punho cerrado, bateu firme na porta e, deixando-se escorregar pela parede, sentou-se no chão.

Maria, dentro do abrigo, ouvindo as pancadas, seguidas de gemidos dolorosos, abriu a porta, recebendo o vento frio no seu rosto.

— Meu Deus! — condeceu-se e abaixou-se para abrigar o infeliz que ali estava —

Venha, meu bom homem!

Cabeça baixa, barba salpicada de fios brancos, entrou.

Acomodado, em torno da mesa tosca no centro da sala, assim como quem sofre com o inverno da idade, recompunha-se com a sopa quente que Maria lhe servira.

— Você... é a Santíssima! A Mãe de Jesus! — murmurava, mastigando as palavras, sempre de cabeça baixa.

— Sou Maria, sim! E quem é você, meu bom senhor?!

Ele manteve um longo silêncio, cabeça mergulhada no prato de sopa e, finalmente, informou:

— Sou... um perigoso assaltante, Senhora! Sou um homem sem lei e sem piedade...

Alguém que já buscou fazer-se amigo dos injustiçados e... ao mesmo tempo, sou um temido assaltante de estradas desertas!

Maria, sem temor, queria identificá-lo.

Já o vira e ouvira, mas... onde?! Em que lugar de sua memória se guardavam as lembranças que não se definiam?!

— Todos me temem, Senhora!

Maria apiedou-se daquele farrapo humano, sentindo-lhe o coração feito de angústia e solidão.

Serena, ela sentou-se diante dele.

— Jesus, um dia, contou a história de um homem que descia de Jerusalém para Jericó e que, a meio do caminho, foi vítima de um assalto — começou Maria, revolvendo suas doces recordações do Messias — E, dentro da noite, um samaritano solitário prestou-lhe socorro e pensou-lhe as feridas. Em seguida, levou-o a uma hospedaria e deu-lhe a assistência necessária.

Houve uma longa pausa.

— E... o assaltante, Senhora? Que lhe aconteceu?

Ela suspirou docemente.

— Conta-se que Jesus, após ter acompanhado as providências do socorro misericordioso, voltou-se atento, observando as pegadas do assaltante, que ficaram na areia e, pacientemente, pôs a segui-las, até deparar-se com o infeliz agressor!

— E... então, Senhora? Ele levou o assaltante aos juizes da região?

quais doces ovelhas de seu rebanho celestial!

E todos, numa oração silenciosa, uniam-se a Jesus!

39 VISITANTES

Um sol pálido, nesta manhã de Éfeso.

Barrabás, soprando sobre as suas mãos para aquecê-las, mergulhou a vasilha na tina d'água para abastecer a Casa da Santíssima.

Olhou distraidamente abaixo do promontório, por entre a névoa que recobria o Mar Egeu e, num gesto seu característico, apertou as pálpebras, para ver mais longe.

Não conteve um calafrio, na espinha!

Precipitadamente abandonou os vasilhames e correu para dentro daquele pouso de caridade, onde se alojavam viandantes sofridos, procurando Maria e fechando, atrás de si, e estrondosamente, a porta da singela habitação:

— Senhora! — arfava Barrabás, coração a pulsar desordenadamente— Vem lá de baixo uns guardas romanos, escoltando dois homens!

— Acalme-se, meu filho! — ela procurou tranquilizá-lo — Talvez nem estejam para vir aqui!

— Eles... vêm vindo, sim! E, creio que trazem dois perigosos criminosos... e poderão prender-me a mim também!

Maria sorriu para tranquilizá-lo. Soaram, quase de imediato, batidas na porta.

— Eu... não disse, Senhora! — estremeceu Barrabás— Eu... não lhe disse! Enquanto Barrabás buscava esconder-se, Maria atravessou os modestos cômodos daquela vivenda e, serena, abriu a porta.

— Paulo! —prorrompeu Maria, jubilosa — Paulo de Tarso!

O apóstolo dos gentios, tendo a seu lado Lucas, o médico grego que se incorporara ao movimento do Cristianismo, prostrou-se de joelhos aos pés de Maria.

— Mãe Santíssima! — lacrimejava Paulo, beijando-lhe os pés, numa atitude de total submissão — A Santa e doce mãe de nosso Mestre Jesus.

Os guardas estavam admirados.

Lucas, tocado no fundo d'alma, diante daquele encontro, mudamente fitava os cabelos brancos e sedosos daquela nobre Senhora, apercebendo-se que os seus traços eram delicados e de uma beleza incomum.

Observou, então, que Maria tomava Paulo pelas mãos e, num gesto silencioso, fê-lo levantar-se e, em seguida, acolheu a todos na casa de seu coração.

— Você, Paulo, é o vaso escolhido de meu Filho Jesus! O Cristianismo, por certo, agora repousa em seus ombros e, com lutas e sacrifícios inimagináveis, você perpetuará para todas as gerações futuras, as lições da Boa Nova.

Lucas espantou-se diante da afirmativa profética.

* * * * *

Acomodaram-se, os recém-chegados, na sala.

Barrabás, por insistência de Maria, servia aos visitantes e aos guardas, dando-lhes algum conforto.

— Estamos a caminho de Roma — asseverou Paulo — E, ouvindo a voz de meu coração, supliquei ao oficial romano, que generosamente nos conduz que me permitisse revê-la... pois talvez seja este o nosso derradeiro reencontro, nesta vida, Senhora!

Maria estremeceu.

— Há tanto o que fazer, na distribuição da Mensagem da Esperança — asseverou Maria — e você me fala... em tom de adeus!

Lucas sorriu, buscando a descontração de todos.

— Santíssima — ponderou Lucas — O nosso Paulo reviu seu Filho, num destes dias e, de seu sublime coração, Paulo disse-me que Jesus lhe falou da Via Ápia, em Roma, como derradeira etapa de seus imensos sacrifícios.

Maria apiedou-se.

Paulo, contudo, quebrando o clima de pesar e de constrangimento, falou: — Quero rogar-lhe, Santíssima, que receba Lucas, meu médico caríssimo, no interior de sua alma! E, após uma pausa, à frente do gesto amoroso de Maria, completou: — Recomendo-lhe também, Maria, que depois que eu der meu testemunho de fidelidade à Boa Nova, receba Lucas e lhe narre tudo o que você testemunhou em relação a seu Filho Jesus, a

fim de que este nosso irmão e amigo possa narrar para todas as gerações futuras que nos sucederão, as notícias do Evangelho, segundo o seu coração maternal.

Os olhos de Maria reluziram.

Revia-se na estrebaria de Belém, contemplando a doce criança confiada à manjedoura, visitada por pastores tímidos e por seres angelicais que suplicavam por paz na Terra e boa vontade para com todos os homens. Maria, num doce enlevo, abraçou maternalmente Paulo.

O Apóstolo dos Gentios, estremeando em seu coração marcado por lutas e conflitos dolorosos na sustentação da Boa Nova, derramou lágrimas de gratidão, saudoso, também, de sua própria mãe na cidadela de Tarso.

Ele, então, beijou as mãos e as faces de Maria.

— Mãe Santíssima! — disse ele, quase sufocado de sublime emoção e novamente dobrado aos pés da Senhora — Abençoe-me, renovando-me o ânimo para que eu permaneça fiel a nosso Mestre e Senhor!

E, logo depois, Maria, à porta de sua modesta casinha, em lágrimas acenava a Paulo e a Lucas, em despedida.

Maria os via distanciarem-se, sob a sua cortina de lágrimas, e a confundirem-se dentro da neblina daquele dia de sol pálido.

40 SUBLIME REENCONTRO

Maria, enferma, sofria sobressaltos, condoendo-se dos infelizes que lhe buscavam o amparo, sem que ela pudesse prestar-lhe o socorro habitual. Amigas de Éfeso, contudo, passaram a desdobrar-se, atendendo a quantos que buscavam a Casa da Santíssima, socorrendo-lhes as necessidades e, a quase todos os segundos, deixavam-se inundar de pranto já saudoso.

— Nossa Mãe está doente, Senhor Jesus! Ficaremos órfãs, sem a sua solicitude amorosa e seu desvelo em ouvir-nos e consolar-nos!

Barrabás, exausto, dormia aos pés do leito da Santíssima, levantando-se de pronto a cada leve e discreto gemido que ecoava dos lábios descoloridos de sua Senhora ou aos assaltos de febre que a levavam a delirar, chamando por Jesus. Acendendo a candeia, o serviçal trazia alguma luz àquele quarto íntimo e, ao mesmo tempo, evitava que muitos, ao mesmo tempo, invadissem o cômodo, quebrando o repouso dela.

Agora, noite avançada, Barrabás dormia no chão, ao pé do leito. Uma estranha brisa, adentrando aquele dormitório, sacudiu levemente a candeia e, apagando a chama bruxuleante, fez o aposento mergulhar na escuridão.

Maria sentou-se no leito.

De faces subitamente enrubescidas, abriu os olhos, fixando-se numa névoa luminosa, semelhante a um aglomerado de estrelas, que dava ao aposento um toque de esplendor. A Santíssima abriu os braços e sorriu, saudando, algo combalida:

— Salve, Madalena! Você me vem visitar? Que felicidade em revê-la, serva de meu Filho... Que felicidade!

Acolheu-a, junto de seu coração.

— Ah! A minha Maria Madalena, rediviva, sem as manchas e as deformações da lepra, você agora me visita!

Madalena acariciava-lhes os cabelos brancos.

— Santíssima! — exclamou Madalena, abraçando-a com intimidade e com profundo amor — Devo-lhe, a você e a Jesus, a minha redenção!

— Você... voltou do túmulo, Madalena! E eu, nesta hora, sinto-me à porta dele!

— A morte, Santíssima, é mera ilusão de nossos recursos físicos! Temos, com seu Filho Jesus, novos poderes contra a desencarnação e, por isso os túmulos sempre estarão vazios, já que fazemos a viagem de retorno ao Plano Espiritual!

Maria, enfraquecida, indagou-lhe:

— Você veio... visitar-me?... ou veio buscar-me?... para o Reino do Pai, de onde meu Filho nos sustenta em sua Seara de Amor?

Madalena negou, num gesto de cabeça.

— Não vim buscar-lhe, Santíssima! Aqui estou, tão só, para ampará-la, assim como um dia a Senhora me amparou nos últimos minutos da minha transição desta existência, para a Vida Maior!

Maria, combalida, estremeceu novamente.

A febre atingira o ponto da ardência e a enfermidade, ao minar-lhe a resistência orgânica, renunciava-lhe o final dessa romagem.

Madalena afastou-se ligeiramente.

— E Jesus, Madalena? Onde está meu amado Filho?

A porta se abriu e, entrando por ela um sol ardente, uma intensa luz ofuscava a todos, e, do centro dessa luz se destacavam dois braços generosos, na direção de Maria.

— Quem... me busca? — entregemeu Maria, querendo ver e se sentindo ofuscada — Quem me busca, nesta hora?!

Duas mãos de luzes tomaram a direção da Santíssima e, em seguida, corporificou-se Jesus.

— Mãe! Mãe Santíssima! Vim buscá-la! Madalena ajudou Maria a soerguer-se do leito, desligando-se do casulo da carne e, tão logo ensaiou os primeiros passos, entregou-a aos braços de Jesus.

— Volte, Santíssima — diz-lhe Jesus — ao Reino de Nosso Pai!

Maria, em lágrima, sorriu dadivosa.

E, logo após, dobrou-se de joelhos diante do corpo inerte na cama e, erguendo os olhos na direção do Infinito, orou:

— Oh! Pai de misericórdia extrema! Sou-lhe grata pela oportunidade de vida, nesta escola espiritual abençoada! E lhe agradeço, também, ó Pai, por ter-me permitido a oportunidade de guardar em meus braços a seu Filho Amantíssimo!

Grande silêncio.

O compartimento daquele sublime reencontro estava em quietude.

Maria, entre Madalena e Jesus, afastam-se, em júbilo.

E, entre as mãos do corpo inerte, no seu leito de desencarnação, estava uma rosa rubra como revelar o sublime aroma de vida, na Boa Nova a que a

Santíssima servira e, também, os espinhos cravados em seu coração maternal.

41 INSPIRAÇÃO DIVINA

Maria abraçava-se a Madalena, na sua retomada do mundo espiritual, com Jesus acolhendo-a estreitamente em seu coração feito de ternura e gratidão.

Súbito, a Santíssima parou.

— Ouço — disse Maria — Joana de Cuza a chamar-me!

— É de Roma, Santíssima — advertiu Madalena — No circo romano, os homens eneguecidos pela dureza de seus corações, erguem piras de fogo, sacrificando aqueles que seguem a Jesus!

Maria estremeceu apiedada.

— Vamos atender as súplicas que me alcançam, Madalena, já que não me sentirei em paz, distanciando-me daqueles que compartilham comigo as aspirações de um mundo feito de amor!

O espetáculo na arena era terrível.

Joana de Cuza, após ter-se recusado a rejeitar o Cristianismo, ouvindo ainda os apelos desesperados de seu filho, que se encontrava sobre o lenho seco, em fogo ardente recorria em preces à Mãe Santíssima.

Ladeada por Jesus e Madalena, junto de Suzana e outras servidoras já martirizadas, a Santíssima aproximou-se de sua amiga.

Ao vê-la, pelos olhos do espírito, Joana bradou, entre as labaredas que lhe crestavam as vestes e o corpo:

— Ampare a meu filho, Santíssima! Não posso poupá-lo da morte., em troca da

renúncia de minha fidelidade a seu Filho, Jesus!

Maria, incontinente, acercou-se da pira ardente, onde gemia e estertorava o filho de Joana e, envolvendo-o em sua ternura, fê-lo perder os sentidos e, antes mesmo de vê-lo enlouquecer sob as chamas vivas que lhe consumiam o corpo jovem, retirou-lhe o espírito da carne torturada.

Jesus, seguido de Madalena, aproximou-se de Joana de Cuza e, recobrando-a com a bênção de ternura, recolheram-na em seus braços de luz e de amor. No piso da arena, invisíveis aos olhos daquela multidão enlouquecida pela sede de sangue vivo e que, impiedosa, ululava e aplaudia o sacrifício indiscriminado, trouxeram o filho de Joana aos braços maternos.

Maria estava atônita.

— Quanta dor, meu Filho! — disse Maria a Jesus, com lágrimas lhe perolando os olhos

— Por que tanto ódio, onde sempre houve tanto amor?!

* * * * *

Maria, naquele instante, ouvia gemidos de jovens e de criaturas em idade avançada que, entre as grades das prisões, aguardavam, em preces, o seu instante de martírio.

Soluços eram sufocados!

Os guardas, passando pelos corredores sombrios, frios e irônicos, fermentavam ainda mais o temor:

— Está chegando a hora de vocês, imbecis! Ou renunciem, diante de todos, ao maldito Nazareno... ou morrem no circo de Nero, o nosso César e único Imperador!

— Somos servas de Jesus! — exclamou uma das jovens, de coração aos saltos —

Servimos somente ao nosso Mestre de amor!

Maria ergueu-se, plena de piedade.

De seu coração, uma ampla e doce luz azulada, espalhou-se por todas as celas imundas e infectas, onde a dor e a perplexidade faziam morada.

Os mártires, vencendo então seus temores, ergueram-se em doce cântico de esperança, clamando pelo coração da Santíssima e, sentindo-se aconchegados às suas radiações maternas, deixavam-se conduzir, quais ovelhas dóceis, ao campo do martírio.

Quando a noite desceu e a arena do circo romano ainda guardava corpos carbonizados em cruces sacrificais, uma estrada de luz subia da Terra ao Mais Alto, com os mártires a percorrê-la, em busca de um pouso de amor.

Jesus, na arena, aproximou-se de Maria.

— Para onde você escolhe ir, Santíssima? Ela condoída, olhou à sua volta. — Filho, se em nome do Pai Celestial, você me dá o direito de escolha, deixe-me a mim e às minhas companheiras, no campo onde a dor faz a sua sementeira. E, após ligeira pausa, completou:

— Diante destas que se deixam martirizar, por causa de sua doutrina de amor, quero estar sempre, meu Filho, até que um novo dia de compreensão e fraternidade se faça na escola da Terra!

— Seja feita a sua vontade, Santíssima! — concordou Jesus.

* * * * *

Madalena, Suzana, Joana de Cuza, e tantos outros corações femininos que serviam a Jesus, ajustaram-se ao coração maternal da Santíssima e, até agora, no escoar dos milênios sem fim, atendem a todas as súplicas de amparo de todos os corações que se deixam martirizar, no calvário da maternidade e nos embates das sombras contra as Luzes!